

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
CONVÊNIO PUCSP – SOPSP
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – FORMAÇÃO EM
PSICODRAMA

MAHER HASSAN MUSLEH

PSICODRAMA E TRIÂNGULO AMOROSO:
A ARTE DE VIVER A TRÊS

São Paulo, SP
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
CONVÊNIO PUCSP – SOPSP
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – FORMAÇÃO EM
PSICODRAMA

MAHER HASSAN MUSLEH

PSICODRAMA E TRIÂNGULO AMOROSO:
A ARTE DE VIVER A TRÊS

Monografia de conclusão do curso de
Formação em Psicodrama da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo em
convênio com a Sociedade de Psicodrama
de São Paulo.

Orientador: Sergio Perazzo

São Paulo, SP
2013

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3. METODOLOGIA	33
4. DESCRIÇÃO DAS SESSÕES	35
5. COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
6. BIBLIOGRAFIA	88

*Dedico este trabalho a todos os casais que anseiam
por uma vida em que possam incluir um terceiro na
relação, sem necessariamente serem vistos como
perversos ou doentes.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador Sergio Perazzo, por todo o apoio e inspiração em me ajudar a trabalhar com este tema tão complexo, de forma criativa e espontânea.

Ao Casal, constituído por três pessoas que tiveram a coragem de enfrentar uma questão tão complexa de forma corajosa e arrojada, e por terem me permitido publicar o trabalho desenvolvido com eles para a realização da minha monografia.

À minha amada e querida esposa Wendy Prado, pelo constante apoio e pela paciência nos momentos em que eu estava mergulhado na elaboração desta monografia.

À Regina França e Vanda Di Iorio, maestrinas da minha formação em Terapia de Casal, que, sem dúvida nenhuma, tem direta relação no meu aprimoramento para o trabalho com casais.

À Maria Rita Seixas, que esteve sempre presente, dando-me apoio na busca de novos desafios e novos rumos com a utilização do psicodrama.

Aos professores do curso de formação em psicodrama, que me apoiaram e me incentivaram durante todo o curso para alcançar a excelência em meu trabalho.

Ao professor Luiz Russo, por ter assistido à minha apresentação do tema triângulo amoroso no Congresso Brasileiro de Psicodrama em Brasília em 2012, e ter me incentivado a escrever sobre este tema.

*Ando devagar porque já tive pressa,
E levo esse sorriso, porque já chorei demais,
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe,
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei,
ou nada sei. Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz
Pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir
[...]*

*Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz, e ser feliz.
Almir Sater*

RESUMO

Título: *PSICODRAMA E TRIÂNGULO AMOROSO: A ARTE DE VIVER A TRÊS*

Através de minha atuação clínica como psicólogo pude constatar uma nova perspectiva do limite da convivência conjugal. Uma experiência rica e surpreendente que me levou a investigar a dinâmica familiar sob uma nova perspectiva. Por muito tempo tem se aceito o triângulo amoroso como transgressão do padrão familiar, sendo apontado como agente de crise da relação conjugal. Neste trabalho apresento a experiência que tive em meu consultório com uma família que tinha como padrão a convivência tradicional a dois, mas que a partir de uma triangulação amorosa pôde recontratar seu matrimônio, nascendo, portanto, uma nova formulação da dinâmica familiar. Essa dinâmica constituiu-se de uma formação a três, em que um casal heterossexual abriu a relação para a inserção de outro homem, formando assim um novo mapa familiar, envolvendo crises, conflitos e muito amor, que culminaram no desfecho do processo de forma saudável, resultando em um contrato com novos limites estabelecidos para o vínculo amoroso. Penso que este trabalho poderá contribuir de forma positiva para que os terapeutas de casal e família possam usufruir dos conhecimentos oriundos desta experiência bem sucedida – a da efetivação de um triângulo amoroso – dando-nos assim a possibilidade de repensarmos a nossa postura terapêutica diante desse novo quadro familiar que se desenha, onde o limite tradicional sofre uma radical mudança em sua base estrutural.

Palavras-chave: Casamento, triângulo amoroso, traição, transgressão e psicodrama.

PSICODRAMA E TRIÂNGULO AMOROSO:
A ARTE DE VIVER A TRÊS

MAHER HASSAN MUSLEH

BANCA EXAMINADORA

Sergio Perazzo
Presidente da Banca

Maria Rita D'Angelo Seixas

Regina França

Monografia defendida e aprovada em: ____/____/____
São Paulo

1. INTRODUÇÃO

Era uma vez...um menino sonhador...

Que um dia resolveu se tornar psicólogo para tentar entender um pouco como funciona a trama das relações humanas, alimentado pelo desejo de compreender o homem e o que leva esse homem, muitas vezes, a ser violento. Aliada a essa busca estava o profundo desejo de se aprimorar em relação ao conhecimento humano e se dedicar à pesquisa.

Sempre teve uma vida cheia de emoções e paixões que fizeram dele alguém muito obstinado e dedicado a tudo aquilo que pretendia realizar.

Havia nele um constante desejo de se aprimorar e de desvendar novos paradigmas, querendo sempre se dedicar ao entendimento do mundo, buscando seu aperfeiçoamento.

Naquele dia em que escolheu seu destino profissional, percebeu que seu desejo era tentar compreender a complexidade da vida para, quem sabe, posteriormente, poder explicar para outras pessoas questões relacionadas, principalmente, com a violência que, desde a tenra infância, observou. Vivia uma grande inquietação em relação a essas questões; era preciso mergulhar fundo no tema, encontrar a teia que o envolvia. Havia o forte desejo de explicar aquilo que na infância era tão observado e vivenciado: durante muito tempo, presenciou guerras entre grupos e povos, que originalmente eram irmãos e primos, em permanente conflito.

Ao mesmo tempo em que vivenciava a violência que o ameaçava, percebia que sua existência decorria de uma relação amorosa que unira um homem e uma mulher: a mãe brasileira, descendente de palestinos e o pai palestino.

Com menos de dois anos de idade, em 1971, mudou-se de São Paulo, onde nascera, para ir morar no Líbano, terra que seu pai escolhera para viver. Era muito pequeno para entender o significado daquela mudança, mas, de certa forma, fazia sentido: o pai queria que seus filhos pudessem ser criados dentro dos costumes e tradições de sua origem. O Líbano fora escolhido porque era o país mais próximo da Palestina, já que o retorno para a terra natal era impossível, uma vez que seu pai havia sido expulso em 1948, por conta da ocupação de Israel, que culminou na

expulsão de um povo que ficou jogado em campos de refugiados, sem destino e sem direção.

Ao chegar a família ao Líbano, iniciou-se uma guerra civil que durou cerca de vinte e um anos. Viveram lá durante quinze anos, vivência marcada pelo sofrimento da guerra, mas também por muita emoção e alegria compartilhada com seus amigos – aliás, mais que amigos, irmãos – e vizinhos.

Apesar da guerra, havia sempre um clima de muita fraternidade, amizade e até muita felicidade, uma característica marcante do povo árabe.

O menino indignava-se pela violência que a guerra gerava, principalmente aquela que os exércitos praticavam quando ocupavam o território inimigo, humilhando e abusando sexualmente das mulheres e crianças, pelo simples “prazer” de colocá-las em uma condição abaixo da humana, mostrando sua capacidade de dominação. Infelizmente ele presenciou esses atos no massacre praticado pelos israelenses nos campos de refugiados dos palestinos de Sabra e Chatila, em 1982, onde crianças e mulheres foram brutalmente violentadas e assassinadas, lembrança que reforçava, cada vez mais, a sua indignação. Os invasores sabiam que para aquele povo, mais do que a derrota militar, isso era uma ofensa muito pior, que os fazia retornar a um estado de pura barbárie.

Desgraçadamente, a grande maioria daquelas pessoas não tinha como se defender ou reagir a tais agressões, tendo de conviver pelo resto de suas vidas com as marcas da violência, tanto em suas mentes, com em seu próprio corpo: era o selo da violência colado em suas almas, marcadas pela eternidade pela descomunal brutalidade.

Apesar de tudo isso, o menino jamais deixara se apagar a chama do otimismo; mantinha-a sempre acesa aguardando chegar novos dias e novas possibilidades de viver, quem sabe, num meio de paz e esperança. Mas, em 1982, o exército de Israel invade o Líbano, chegando a Beirute, desrespeitando o acordo da retirada dos soldados palestinos para a Jordânia, que já tinha ocorrido.

Começaram novas matanças e novas perseguições aos palestinos e naquele momento a vida ficou insuportável para aquela família, afinal eram do mesmo povo e estavam vivendo um real perigo de vida – era preciso encontrar uma saída para não se tornarem vítimas do exército israelense e foi então que a família decidiu voltar para o Brasil ajudada pelo parentes brasileiros de sua mãe.

Após esse período tão triste e difícil, o menino, já agora um adolescente, com quinze anos de idade, volta ao país onde nasceu, encontrando uma realidade bem diferente daquela que vivia no Líbano, especialmente quanto aos costumes, valores, crenças religiosas, hábitos alimentares, ou seja, um novo mundo para ele, onde tudo o assustava pelas diferenças, mas, ao mesmo tempo, o fascinava pelas possibilidades de novas descobertas, surgindo então a necessidade de se adaptar a essa realidade.

E assim foi seguindo sua vida, crescendo a paixão pelas questões sociais, tentando, o tempo todo, entender e ajudar aqueles que eram segregados e humilhados, sempre se questionando sobre o porquê disso acontecer.

Buscou uma alternativa profissional ingressando na universidade na área de exatas, quem sabe se para esquecer um pouco das questões sociais. Contudo, isso não adiantou, pois ao conhecer os movimentos estudantis, lá estava ele envolvido.

Os anos foram avançando, sentiu necessidade de conseguir mais recursos para tentar entender o ser humano: é quando resolve começar sua trajetória para se tornar psicólogo, inscrevendo-se numa faculdade perto do trabalho. A princípio esse movimento surge como forma de ocupar o tempo noturno ocioso, aliado à realização de um desejo antigo. O que ele não esperava é que esse curso pudesse gerar uma paixão – diga-se de passagem, uma paixão avassaladora – que fez com que ele, já no segundo ano, buscasse por estágio na APAE-Associação de Pais e Amigos do Excepcional. Contrariando o próprio regulamento, que só aceitava estagiários a partir do quarto ano, porém percebendo tanto desejo de trabalhar e se aprofundar no conhecimento, a instituição o aceitou e pôde observar o seu fiel empenho.

Assim foi caminhando na sua formação, procurando outros estágios e trabalhos filantrópicos, que o levaram a uma favela na periferia de São Paulo, na qual havia uma instituição que atendia famílias e vítimas de violência sexual e doméstica.

Procurando aprofundar-se no conhecimento de questões relacionadas à violência, no final do curso de Psicologia intensificou sua participação nessa instituição filantrópica que desenvolvia trabalhos sociais com os moradores. Queria contribuir para o objetivo de melhorar a qualidade de vida daquelas pessoas, que viviam em um ambiente cheio de hostilidade, sofrimento e miséria.

Foi convidado, pelo coordenador daquela instituição, a colaborar no trabalho de atendimento às pessoas que procuravam os serviços lá prestados, principalmente em busca de orientação espiritual e psicológica.

Nessa ocasião iniciou um trabalho com crianças vítimas de diferentes tipos de violência. Com o passar do tempo, os bons resultados começaram a surgir, com a melhora no desempenho escolar e no relacionamento com outras crianças. O quase psicólogo começava a perceber em si uma peculiar habilidade para ajudar pessoas que viviam em contexto de violência, e não poupou empenho e dedicação para ajudar aquelas pessoas a encontrar novas saídas para suas vidas.

Nesse atendimento a crianças vítimas de violência, os pais não podiam ser deixados de lado, por isso passaram a ser convidados para que também fossem acompanhados e orientados, já que, frequentemente, eles eram os principais responsáveis pelas agressões. Em meio aos casos que vieram para os atendimentos, descobriu-se a incidência de crianças vítimas de violência sexual, que também tinham nos pais seus principais abusadores.

Antes de continuar a narrativa, uma revelação será feita: o personagem central da história que aqui está sendo contada é o autor destas linhas. Que seja permitido, então, que a história continue a ser narrada na primeira pessoa.

Em meio à realidade vivida por aquelas crianças, minha preocupação com a violência em geral começou a ter um foco específico: como compreender o que leva uma pessoa a cometer uma violência sexual e, mais especificamente ainda, intrafamiliar?

Tentava compreender, mas era difícil. Mais difícil ainda me pareceu compreender a situação de quem sofria a violência. Era preciso investigar o que estava atrás daquela dinâmica. Minha inquietação só aumentava.

Face a isso, o dirigente da instituição em que eu trabalhava, também interessado por compreender tais questões, deu-me total apoio para a realização de uma pesquisa.

Imediatamente, comecei a planejar uma investigação para analisar a identidade do agressor, como questão central. Estava claro para mim que a questão referente à identidade da vítima também seria considerada.

Mas, sobretudo, queria compreender o vitimizador, pois me parecia evidente que era dele que a violência partia, ainda que vítima e vitimizador sejam duas

identidades que se constituem reciprocamente como encarnação da violência da sociedade.

O trabalho que eu vinha realizando colocava-me mais facilmente em contato com as vítimas, crianças submetidas a agressões sexuais. O difícil era conseguir que algum autor de tais agressões se dispusesse a colaborar em meu projeto de pesquisa.

Inesperadamente, entre as pessoas que buscavam os serviços prestados por aquela instituição, procurou-me um senhor muito angustiado, pelo fato de ter abusado sexualmente de sua filha, fato esse que, aos poucos, foi sendo esclarecido.

A princípio, ele não admitia o que tinha acontecido e nem conseguia se expressar. Buscava uma solução para aquilo que o afligia tanto. Apesar do pouco tempo em que estive com ele (apenas três sessões) percebia seu arrependimento.

Mostrava-se muito disposto a refletir sobre o que havia ocorrido, a tentar resolver seu “problema” e reparar seu “erro”. Transmitia também a preocupação de que sua vida estava em perigo, fato esse que logo se confirmou, já que morreu assassinado, pouco depois.

Sem falar, em termos pessoais, sobre o choque emocional que esse fato me causou, minha primeira reação como pesquisador foi imaginar que meu projeto se inviabilizara. Contudo, refletindo a respeito, comecei a vislumbrar outra forma de realizar o estudo a que me propusera. Afinal, o vitimizador se tornara vítima, o que me fazia lembrar de formas primitivas de justiça: não seria ele uma “vítima sacrificial”, talvez um “bode expiatório”?

De qualquer forma, a questão da identidade como primeira referência teórica para analisar o problema pareceu-me que continuava como uma escolha adequada e pertinente: uma metamorfose radical ocorreu.

Assim o problema continuou a ser o mesmo inicialmente proposto, ou seja, analisar a identidade do vitimizador, sendo que a particularidade da forma em que se concretizou a metamorfose, certamente trazia novas questões a ser consideradas. Além disso, outras dificuldades práticas surgiram, principalmente no tocante à limitação em completar a coleta de dados relevantes.

Essa vivência permitiu a realização da minha dissertação de mestrado que, confesso, foi marcada por muito tumulto e sofrimento, pois eu estava diante de uma questão extremamente polêmica: estava tentando compreender o papel do vitimizador e sabia que com isso poderia me tornar uma pessoa não grata, afinal

costuma-se achar que abusadores devem ser linchados e, provavelmente, quem quiser olhar para isso também.

Comecei a sofrer uma perseguição do chefe do tráfico e que passou de ameaça para realidade, mas mesmo assim não desisti e concluí o meu mestrado omitindo informações relevantes, mas que eram necessárias para salvar a minha vida.

E assim fui mergulhando nesse tema e fui recebendo vários vitimizadores sexuais procurando ajuda, querendo sair desse ciclo, em busca de um entendimento que pudesse colocar fim a esse terrível sofrimento.

Quanto mais eu estudava e atendia pessoas com o perfil de vitimizador, mais eu percebia o quanto o ciclo da violência era perverso e cruel. Ficava evidente para mim que a violência só gera violência e que era preciso interromper esse ciclo para poder dar novo sentido a essa terrível trama: pude constatar que a maioria esmagadora dos vitimizadores sexuais havia sido vítima de violência sexual na infância, criando assim uma repetição do processo ocorrido. Essa experiência me tornou alguém muito gabaritado para lidar com tais sujeitos, ajudando-os a reescrever suas vidas em busca de novas perspectivas. Sujeitos esses que demonstraram capacidade para enfrentar seus problemas e aceitaram ser tratados, pois havia neles a clareza de que haviam cometido um ato bárbaro. Naquele trabalho com vitimizadores ficou claro para mim que não seria possível alcançar bons resultados com aqueles que não se arrependiam e não achavam que haviam cometido qualquer ato violento, como acontece com os psicopatas.

Atualmente tenho conseguido reinserir vários vitimizadores no convívio familiar, permitindo assim o reencontro entre vítima e vitimizador, abrindo a possibilidade de criar uma nova relação, tendo como base a compreensão dos motivos que levaram a tal situação.

A minha trajetória foi sempre marcada por desafios e uma constante inquietação por compreender o ser humano e por entender sua funcionalidade psíquica e emocional. Para isso tive sempre como meta a busca incessante do conhecimento, o que me levou a estudar as famílias – afinal eu estava o tempo inteiro com elas – e os casais, para ampliar a minha compreensão sobre a dinâmica e o funcionamento desses núcleos.

Iniciei o curso de casais com Regina França e Vanda Diorio pelo Instituto J. L. Moreno, duas maestrinas que me ajudaram muito a aprimorar o meu trabalho com

casais e famílias, principalmente com o uso do psicodrama, técnica que eu usava antes de forma natural e espontânea, sem ter conhecimento dela. Confesso que à medida que fui aprendendo as técnicas, fui percebendo que eu já as vinha usando por muito tempo em meu atendimento, sem saber que aquilo era psicodrama. Mas agora eu tinha o aprimoramento do uso da técnica aliado à fundamentação teórica, o que fez com que eu me apaixonasse loucamente pelo psicodrama. A minha paixão pelo Psicodrama foi tão intensa que pedi para as professoras, juntamente com os meus colegas, a realização de mais um ano de curso com o foco em casais e família. Isso acabou ocorrendo, com o reforço da presença de Gisela Castanho a essa maravilhosa dupla, o que fez ampliar ainda mais o nosso conhecimento sobre a Teoria Moreniana.

O trabalho com casais virou uma paixão, fui me aprimorando e percebendo que tinha um talento todo especial para trabalhar com eles, ajudando-os a entender as suas dinâmicas, a se conhecerem e reconhecerem o outro, compreendendo o caminho da convivência a dois.

A minha trajetória no atendimento às famílias e casais foi sempre vivenciada com muita intensidade, principalmente pelo fato de eu ter trabalhado com as famílias vítimas de violência, e esse trabalho vem se refinando cada vez mais, não somente através da prática, mas também pelo profundo mergulho na teoria, na busca do aprimoramento profissional.

Após a “imersão” na Teoria Moreniana, fui percebendo que ela se tornaria ferramenta fundamental para trabalhar com as famílias e casais, dando-me valiosa contribuição para lidar com as questões relativas à violência familiar e entendimento e esclarecimento para conflitos ligados à traição e conflitos dos casais.

À medida que aumentava o meu atendimento a famílias e casais, fui me tornando referência nas discussões e reflexões sobre questões ligadas à violência e traição. Isso se deu através de apresentações de trabalhos em congressos.

Fui convidado a participar de um grupo denominado GEV-Grupo de Estudo e Prevenção de Violência Doméstica, onde pude ajudar a ampliar o olhar sobre famílias violentas, mas também aprender muito com as reuniões, estudos e trocas de experiências em relação aos atendimentos.

A partir do momento em que comecei a supervisionar casos, fui ampliando também o meu conhecimento, tendo a oportunidade de aprender muito com as direções de sessões de psicodrama de Maria Rita Seixas. A experiência de ser “o

ego auxiliar” de Maria Rita em diversos sociodramas fez com que eu ganhasse uma habilidade maior para dirigir grupos e para trabalhar com eles.

Em meio a tantos atendimentos a famílias e casais, num determinado dia recebi um casal que procurava terapia, após assistir a uma palestra sobre infidelidade conjugal que eu havia ministrado numa instituição. O marido me ligou – algo que já me chamou a atenção, pois, via de regra, quem liga é a esposa – solicitando um atendimento. Esclareceu que se tratava de terapia de casal e agendamos dia e horário. Qual não foi minha surpresa ao recebê-los em meu consultório! O casal estava acompanhado por um homem, quando se apresentou na recepção. Solicitei ao casal que entrasse e o segundo homem entrou também, e assim eu estava diante de um “casal a três”. Isso foi totalmente inusitado, mas consegui ter uma presença de espírito incrível para poder enfrentar a situação com calma e atenção. Era mais um desafio que a vida me oferecia e de imediato aceitei, pois, para alguém que já enfrentou e enfrenta vitimizadores sexuais e conflitos conjugais, ali estava mais uma grande oportunidade: a de compreender a dinâmica de um casal que estava em busca de ajuda para viabilizar o convívio a três.

Esse caso foi apresentado em alguns congressos e teve uma repercussão muito grande, o que fez com que eu ficasse cada vez mais motivado para trabalhar com esse tema. Estava eu diante da oportunidade de lançar um olhar calmo e tranquilo sobre uma questão que por muito tempo foi vista como perversão e traição. Tenho certeza que, ao término desta monografia, trarei significativa contribuição para os psicodramatistas que queiram trabalhar com este novo formato familiar, onde existe, sim, a possibilidade de três pessoas conviverem amorosamente dentro do mesmo lar.

Atualmente tenho recebido outros casos de igual formação, o que me leva a acreditar que eles são em número muito maior do que imaginamos, pois, provavelmente, essas pessoas vivem em reclusão, por falta de oportunidade de cuidar, de forma natural e respeitosa, das questões relacionadas a esse novo tipo de *status* conjugal – e isto elas têm encontrado nos atendimentos comigo.

Atualmente atendo a cinco casos de convivência a três, o que atesta minha afirmativa sobre a necessidade dessas pessoas buscarem se entender e entender a dinâmica que vivem. Diante de tantos casos me senti levado a continuar minha pesquisa, relatando-a neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Tenho certeza que o menino sonhador que continua em mim poderá, mais uma vez, contribuir para o entendimento de processos que muitas vezes só causam dor, mas que, através da compreensão, podem se transformar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Iniciarei este capítulo refletindo de forma breve sobre a traição, pois falar em triângulo amoroso inevitavelmente nos leva a pensar de imediato em traição conjugal.

Sabemos que a traição ocorre desde que a humanidade existe; podemos constatar isto nos mitos, histórias e nas diversas narrativas de culturas e religiões. Ela se faz presente nas diversas relações humanas, não somente nas relações amorosas, mas também nas de amizade, profissionais e outras. Esta questão pode ser analisada a partir de diversos pontos de vista e avaliadas por várias áreas do conhecimento científico.

Podemos inicialmente observar o que o dicionário da língua portuguesa define como traição. Traição, como uma forma de decepção ou repúdio da prévia suposição, é o rompimento ou violação da presunção do contrato social (verdade ou da confiança), que produz conflitos morais e psicológicos entre os relacionamentos individuais, entre organizações ou entre indivíduos e organizações. Geralmente a traição é o ato de sabotar o grupo rival, ou, é uma ruptura completa da decisão anteriormente tomada ou das normas presumidas pelas outros. Trair também aparece no dicionário como o ato de enganar, atraiçoar, denunciar, delatar e como deslealdade, que significa infidelidade, ou seja, o ato de ser infiel com aquilo que previamente estava combinado, acordado.

Ao visitarmos o mito de Tristão e Isolda (CLAUDE,1993) veremos a trama do amor proibido entre eles, pois Isolda era casada com o rei Marcos que, quando descobre a traição, condena-os à morte na fogueira, mas Tristão foge e consegue salvá-la, levando-a para viver numa floresta por alguns anos.

O rei Marcos acaba por descobrir o paradeiro deles, mas se compadece ao ver Isolda vivendo em situação precária e leva-a de volta, obrigando Tristão a se manter distante.

Após alguns anos Tristão cai enfermo, de seu leito solicita a presença de Isolda: queria ter ao menos um encontro com ela antes de sua morte. Isolda vai ao seu encontro, mas encontra Tristão morto. Chocada, atordoada e triste, acaba por morrer também ao seu lado.

Temos também outras referências que tratam da traição, como a de Greene (2001), que lança um olhar sobre o mito de Zeus e Hera, colocando-o como um dos retratos míticos mais famosos da infidelidade. Esse autor ressalta que ali encontrou não apenas um triângulo, mas uma sucessão deles, por isso Zeus é o arquétipo do marido traído e Hera o da esposa ciumenta. A vida dos dois é um espetáculo de ciúme, vingança e filhos ilegítimos, mas, apesar disso, o casamento sobrevive.

Greene narra também as constantes atuações de infidelidade de Zeus, que causam em Hera sentimento de rejeição, mas apesar do casamento se configurar nesses moldes, ambos não conseguem viver um sem o outro. Zeus está sempre buscando um novo par e Hera elaborando planos para humilhá-lo e para vingar-se de suas amantes.

O mito de Zeus e Hera ratifica o meu pensamento e o meu conhecimento sobre triângulo amoroso como uma transgressão do padrão familiar, sendo apontado como agente de crise da relação conjugal.

Neste trabalho apresento experiências clínicas realizadas em meu consultório com famílias que tinham como padrão a convivência tradicional a dois, mas que, a partir de uma triangulação amorosa, puderam reconstruir seu matrimônio, nascendo, portanto, uma nova formulação da dinâmica familiar, que se constitui de uma formação a três, em que um casal heterossexual abre a relação para a inserção do terceiro, formando assim um novo mapa familiar – no caso em análise neste estudo, um homem. Esse processo envolveu crises, medos, dúvidas e muito amor, que culminaram com o desfecho da vivência possível para todas as partes envolvidas, resultando em um contrato com novos limites estabelecidos para o vínculo amoroso.

Talvez agora pudéssemos dar a Zeus e Hera um outro desfecho, permitindo que pudessem reavaliar a sua vivência e, quem sabe, dando a eles um novo contrato matrimonial sob uma perspectiva que pudesse abarcar novas possibilidades de convívio.

Outro fator bastante importante para ser analisado, além da traição, é o casamento.

Casamento. O que representa esta palavra? Quais os valores que estão embutidos nela? O que esperamos, desejamos ou pensamos quando a lemos? Para facilitar, vou trazer novamente a definição do dicionário:

Casamento (*casar+mento*²) 1. União legítima de homem e mulher. 2. União legal entre homem e mulher, para constituir família. 3. Cerimônia ou festa nupcial. 4.

Sociol. Um ou vários atos simbólicos sancionados por uma determinada sociedade com o objetivo de estabelecer uniões matrimoniais.

Quando falamos em casamento, inevitavelmente pensamos numa união a dois, de preferência entre um homem e uma mulher. Pensamos em união, construção de família, conduta que possa trazer bons exemplos para os filhos e perpetuar o pensamento de uma linearidade respeitosa de convívio mútuo na saúde e na doença.

Porém, observamos que, à medida que o tempo foi passando, o casamento ganhou adornos que até então não eram aceitos, a começar pelas chacotas que foram sendo elaboradas a respeito dele. Quando o tema é casamento, é bastante frequente ouvirmos comentários como: “o casamento é igual à avenida Paulista: começa no Paraíso e termina na Consolação”, ou “casamento é igual a submarino, até boia, mas foi feito para afundar”, e outras milhares de piadas que são feitas a respeito dele.

O incrível é que, apesar de tantas críticas e comentários bizarros, ainda observo, em minha prática, que a grande maioria quer se casar, mesmo que para isso tenha de dar outra denominação e rotulação para o casamento. Afinal se ele foi feito para “afundar” e se termina na “consolação”, torna-se necessário dar outro rótulo, outra roupagem. Surgem, então, novas nomeações como, a mais comum: “*a gente não é casado, apenas vive junto*”, como se isso fosse algo diferente. Afinal “viver junto” é casamento conforme está descrito nos dicionários e conforme garante a justiça civil por meio da união estável.

Outros dizem que têm uma “relação aberta”, onde não há necessidade de se dar nomes; o objetivo é ir vivendo juntos, sem a expectativa de serem aceitos no contexto social, mas é premente que haja respeito às regras estabelecidas por eles, como ter liberdade para sair, passear com os amigos, ir ao *shopping* com as amigas, jogar futebol, sem haver cobranças, mas sempre respeitando o pacto de fidelidade que, em geral, se refere à fidelidade sexual, podendo ser estendido a outros papéis sociais. Então me pergunto: não é exatamente essa liberdade e relação de confiança que o casamento deveria ter como quesito básico?

A questão é que a “instituição” casamento ganhou um peso que, de fato, nada tem a ver com ela, mas sim com a busca de novos caminhos para a união entre pessoas que desejam compartilhar a vida de forma harmônica e respeitosa,

melhorando a relação vivida, respeitando a si mesmas e aos outros, na difícil tarefa de caminhar lado a lado.

O conceito de casamento é verdadeiramente intrigante: de forma geral todos querem um casamento monogâmico, pautado por um laço de amor que seja eterno, mas isso parece cada vez mais insustentável. Afinal, o conceito de eternidade também traz um peso insuportável para a relação, tornando-a rígida, pouco maleável para novas transformações e novos conceitos de recriar o amor e reelaborar o antigo contrato.

Portanto, se o casamento era para sempre, eterno, imutável e rígido como a avenida Paulista, qualquer desejo de mudança soaria à traição e ruptura do contrato inicial.

Assim ficaríamos reféns do trajeto da avenida Paulista com o seu percurso que termina na Consolação, impedidos de pensar na possibilidade de reconfigurar seu percurso, deixando de imaginar que durante essa caminhada do casamento na avenida Paulista, poderíamos parar no MASP e recriar o contrato matrimonial. Usando de espontaneidade e criatividade poderíamos transformar velhos conceitos na arte de um novo casamento, que começa no paraíso, mas não necessariamente tenha de morrer na consolação.

Curiosamente, o primeiro congresso de psicodrama no Brasil ocorreu no vão livre do MASP, em 1970, por isso trago esta memória para cunhar o psicodrama como a alavanca que tanto me ajudou a trabalhar com esse “casal triangular”.

É importante fazer essa referência, para mostrar que, naquele momento, o psicodrama trazia a público seus métodos, demonstrando claramente como a dramatização poderia despertar a espontaneidade e a criatividade, ajudando na resolução de problemas.

Outra questão que eu gostaria de levar em consideração é a análise do papel da amante, tendo como base a perspectiva sociológica.

A antropóloga Angenita Ameno (1999), cita o sexo social como referência para a distinção entre ambos: masculino-feminino e público-privado. O que pretendo analisar é que, tanto o elemento masculino quanto o feminino, são identificados com o espaço privado, com a escolha íntima do indivíduo, pois a apreensão de um desses elementos é que vai definir o sexo social do sujeito.

Ela observa algo bem interessante: o sujeito identificado socialmente como homem estará, inevitavelmente, identificado com o espaço privado, pois o elemento

masculino pertence, como dito anteriormente, à esfera privada, à vivência da própria individualidade.

Observa ainda que o mesmo não vai ocorrer com o sujeito identificado socialmente como mulher, pois a mulher, apesar de também pertencer ao espaço privado, tem sua imagem associada à de mãe, que é uma função pública.

Em outras palavras, a mulher deixa de ser identificada com a esfera privada para ser identificada com a esfera pública.

Ocorre uma transmutação sutil de mulher (vivência da individualidade) para mãe (vivência para o outro).

A sociedade elimina, como num golpe de mágica, a mulher enquanto sujeito de vivências próprias. (ANGELITA AMENO, 1999, p.87)

Nos casos em que atendo, ocorre exatamente o contrário da observação acima: essas mulheres que escolhem viver com dois homens, estão em busca de seu “papel humano” independentemente do gênero. Não me parece, em nenhum momento, que se trata de desempenhar papel feminino ou masculino, mas, do reconhecimento de que o amor muitas vezes passa pelo desejo – e a concretização – de amar mais do que um ao mesmo tempo.

Haveria em nossa sociedade a possibilidade de olhar para essas mulheres de forma não preconceituosa, ou sem estar sempre a fazer uma análise de perversão ou qualquer anomalia relacionada ao papel de mulher?

Por que olhamos sempre para o triângulo amoroso como traição, ou algo que tem um caráter psicológico doentio? Precisamos ampliar nosso olhar aceitando pessoas que queiram simplesmente transformar o que poderia ser chamado de traição em transparência, e até em verdade, buscando assim a possibilidade de inserir o terceiro na relação de forma que todos possam viver essa união de maneira harmoniosa, criando um novo vínculo social.

Na continuação do texto a autora narra:

Dessa forma, priva não só a mulher do direito de ser mulher, ou seja, de viver num espaço particular, como priva os homens de se relacionarem com a mulher. A mulher não existe, existe a mãe.

E é com a mãe (figura social) que os homens vão se casar, ter filhos, conviver socialmente. (ANGELITA AMENO, 1999, p.87)

Para ela, os homens, ao buscarem um relacionamento fora do casamento, além de usufruírem da liberdade à qual foram reforçados socialmente, procuram a amante, a mulher que, com a chegada dos filhos, não lhes foi permitido ter. E conclui:

O engano está em pensar que, ao se deitarem com uma amante, estão se deitando com uma mulher e não com uma mãe. O homem procura uma amante, porque projetou nela a figura da mulher, da fêmea.

A mulher funciona como o elemento mediante o qual é possível visualizar a própria individualidade, visualizar sua capacidade de ser macho, pois é por intermédio da mulher, e não da mãe, que o homem reconhece o elemento masculino ao qual quer se ajustar. (ANGELITA AMENO, 1999, p.87)

O rótulo aparece novamente no texto acima, onde pode-se observar a separação entre mãe e mulher. É preciso romper com esses paradigmas, dando aos casais maior ampliação da visão conjugal, não os deixando reféns de velhos tabus e velhos conceitos que insistem em nos rodear.

Ameno (1999), afirma ser função social da amante preservar, reproduzir e manter o velho sistema do casamento, mas a “mulher-amante”, submetida ao desejo do homem, fica obrigada a desempenhar apenas o papel de fêmea, apesar de almejar o papel da mulher legítima, a “mulher-mãe”. Assim, a autora aponta para o triângulo amoroso como uma verdadeira enganação, na qual o homem busca apenas a sua individualidade de macho, enredando amante e esposa em uma trama social que busca a preservação e manutenção dos moldes e modelos tradicionais do casamento.

Possivelmente, agora as pessoas passarão a “tipificar” a mulher que busca viver uma relação triangular com dois homens e, dentro da visão de que esse tipo de relação é doentia, com certeza serão encontradas expressões grosseiras como “mulher poderosa”, “mulher pintuda”, que exprimam aversão a essa nova forma de viver.

Zampieri (2004, p. 157), procura demonstrar que existe uma desigualdade de gênero nas sociedades patriarcais, principalmente no que diz respeito à sexualidade e adultério:

Aos homens, o adultério tem sido perdoado, mas bem compreendido e aceito pela crença no mito da natural necessidade de sexo que eles possuem. O adultério por parte dos maridos tem sido encarado como uma fraqueza lamentável, mas, compreensível.

Ou seja, que em nossa sociedade patriarcal, a condição não é a mesma quando é a mulher que comete adultério, e ela acaba sendo submetida a preconceitos e consequências emocionais, morais, éticas e religiosas.

Cabe observar que o preconceito sempre existirá, principalmente quando se trata de mulheres que desejam viver com dois homens. Inevitavelmente, essas mulheres passam a sofrer críticas como os homens sofreram anteriormente. O

problema, afirmo, não esta no gênero, mas está na dificuldade que temos em aceitar que existem pessoas que desejam viver relações triangulares.

Aceitar essa visão passa a ser muito perigoso, pois admitir a condição poligâmica do ser humano pode significar uma ameaça aos sistemas sociais e religiosos pré-estabelecidos. É possível que a instituição “família-religião” tenha de passar por uma reconstrução que, com certeza, trará muitos temores inicialmente, pela dificuldade em se enfrentar tal situação.

Não existe aqui o objetivo de criticar ou julgar o modelo estabelecido, mas o de dar voz às pessoas que desejam viver de forma diferente, sem serem consideradas anormais ou sentirem-se ameaçadas.

A proposta aqui é bem clara: não é criar um modelo que seja o correto, o moderno, o verdadeiro, aquele que agora passará a vigorar, mas sim poder abarcar um modo diferente de viver, lançar um novo olhar para a relação triangular, onde o desejo pelo terceiro não necessariamente terá de culminar em traição, mas numa nova possibilidade de, simplesmente, viver juntos e a três.

Muitas mulheres estão sendo mal vistas por desejarem viver um novo contrato matrimonial e isso se estende aos homens, também. Reitero a necessidade de rompermos essas barreiras, buscando compreender que, em muitas pessoas, existe um psiquismo poligâmico e que isto está longe da perversão ou da simples manutenção de um modelo relacional. Precisamos respeitar as diferentes formas de viver e conviver e, segundo Zampieri (2004), esse quadro vem tomando um novo contorno.

Historicamente, há constatação de mais homens infiéis sexualmente do que mulheres. Hoje essa diferença não é mais tão notória. Pesquisas demonstram que praticamente a metade dos cônjuges será infiel sexualmente no decorrer dos seus casamentos, ou seja, as pesquisas apontam para uma mudança que, gostemos ou não, já vem acontecendo.

Espero até aqui ter contribuído para que, verdadeiramente, possamos lançar novos olhares para as questões que envolvem o triângulo amoroso, ampliando nossa visão clínica, podendo dar vazão a esse novo desenho matrimonial que se apresenta, sob outra perspectiva conjugal.

Dentro dessa nova perspectiva conjugal, inicio uma reflexão sobre a teoria dos papéis e o vínculo conjugal e, para isso, vou me apropriar da Teoria dos Papéis, de J. L. Moreno, que é muito ampla e se configura na Socionomia como um dos

pilares que fundamentam, segundo Garrido Martin (1996), uma antropologia implícita na obra de Moreno.

Não pretendo e, confesso, não tenho a pretensão de me aprofundar nessa teoria, mas sim apresentar aspectos que sejam relevantes para esclarecer a questão por mim proposta no que se refere ao triângulo amoroso. Antes de abordar o conceito de papel de Moreno, vou apresentar a questão central da Teoria Moreniana, a espontaneidade criadora, à qual o conceito de papel está diretamente relacionado.

Moreno define a espontaneidade da seguinte maneira:

A essa resposta do indivíduo a uma nova situação – e à nova resposta a uma antiga situação – chamamos espontaneidade. (MORENO, 1984, reedição de 1932, p. 101).

A espontaneidade é uma disposição do sujeito para responder como requerido. É uma condição – um condicionamento – do sujeito; uma preparação do sujeito para a livre ação. (MORENO, 1984, reedição de 1932, p. 162).

As respostas dadas por um sujeito às situações, novas ou antigas, geralmente estão respaldadas na dimensão de suas relações sociais, no papel social que ele representa, vinculando-o ao mundo. Moreno (1984, reedição de 1932), conceitua que os aspectos tangíveis do que se conhece como “ego”, são os papéis em que ele atua, com o padrão de relações de papel em torno de um indivíduo, que é seu foco, o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos.

Moreno (1992, p. 184): *“Todo papel é fusão de elementos particulares e coletivos; é composto de duas partes – seus denominadores coletivos e seus diferenciais individuais”.*

Moreno (1984, reedição de 1932), afirma que o conceito de papel ultrapassa a dimensão social, e que a dimensão psíquica é ainda mais ampla, alcançando o indivíduo desde o seu nascimento, permanecendo por toda a sua vida, caracterizando-o como membro do seu átomo social. Esses papéis e modelos de papéis são construídos desde o nascimento ou talvez até muito antes do nascimento, principalmente se consideradas as expectativas criadas em relação à chegada de uma criança, do ponto de vista da família e sua sociometria, ou seja, da qualidade dos vínculos afetivos da família em que ela estará inserida, da expectativa dos pais e demais familiares.

Ainda segundo Moreno (1984, reedição de 1932), os papéis representados pelo ser humano possuem três dimensões: papéis sociais expressando a dimensão social do papel; papéis psicossomáticos que expressam a dimensão fisiológica e papéis psicodramáticos que constituem a dimensão psicológica do eu, conceito revisto por psicodramatistas pós morenianos.

Perazzo (2010) traz uma grande contribuição nessa questão citando Naffah Neto, que traz uma nova concepção de papel imaginário e de papel psicodramático, revisão ainda não valorizada pelos psicodramatistas.

Muitas e muitas vezes tenho visto psicodramatistas, inclusive da velha guarda, até se referirem a essa contribuição importante de Naffah Neto e, na fala seguinte ou no correr de um texto, mais adiante, empregarem o termo papel psicodramático na acepção original de Moreno, totalmente diferente da concepção de Naffah Neto. Ou seja, leram e até estudaram a revisão do conceito, mas não caiu a ficha do novo significado e da sua implicação técnica. (PERAZZO, 2010, p.111).

Perazzo ainda salienta que após 1980, analisando o trabalho de Mezher, observa que ele deixa de levar em consideração os papéis psicossomáticos como uma categoria de papéis, mesmo estando eles na formulação original de Moreno, deixando-as como zonas corporais em interação ou protopapéis. (PERAZZO, 2010)

Aqui, porém, serão abordados os papéis sociais, tendo em vista que estão sendo analisados os aspectos ligados aos papéis de cônjuge numa relação triangular.

Moreno destacou o termo “contra-papel” para se referir aos papéis com os quais o sujeito se vincula:

Todo indivíduo, à medida que tem o tempo todo, um conjunto de amigos e outro de inimigos, em uma gama de papéis em que ele vê a si mesmo e enfrenta uma série de contra-papéis em que vê outros em volta dele, em vários estágios do desenvolvimento. (MORENO, 1984, reedição de 1932, p.28)

Caberá a esses casais triangulares verificar e observar os seus papéis e contra-papéis dentro da dimensão social, onde alguns já estão previamente definidos. Caberá também observar como esses papéis e contra-papéis ficarão nessa relação, afinal para eles também será necessária a recriação dos seus papéis, propondo uma nova dimensão social.

Menegazzo (1995, p. 63) define contra-papel: “O contra-papel é qualquer papel antagônico ou deuteragônico oposto, complementar ou correspondente ao

outro, a expressão ‘papel complementar’ é muitas vezes utilizada como sinônimo de ‘contra-papel’.

Para Bermúdez (1997, p. 438):

O papel social tem uma estrutura composta pelos papéis complementares que lhe dão origem em seu desenvolvimento social, sendo que, quando o aprende, não só aprende as características próprias do papel, mas também as da dinâmica da relação, o que permite o ajuste de quem o exerce à situação em que deve desempenhá-lo.

Por este motivo ressalto a importância de os casais triangulares olharem para os seus papéis, até porque algo na sua dinâmica agora necessitará de ajustes que possam ajudá-los a enfrentar a nova estrutura relacional.

Segundo Bermudez, durante a aprendizagem de um papel o sujeito funde nele a sua subjetividade, e ela se torna evidente na relação com seu complementar (contra-papel).

Bustos (1990, p. 168) define vínculo como “*o interjogo entre pessoas que atuam através de papéis. O vínculo se estabelece ‘entre’ papéis. E é ali onde se produzem os encontros*”.

Com relação ao vínculo conjugal, Vítor Dias (2000, p. 13) define: “*Toda e qualquer relação existente no casamento, entre um homem e uma mulher. O vínculo conjugal abrange o casamento como um todo e é afetado por qualquer crise que se instale*”. Os casais triangulares terão, então, de viver o interjogo descrito por Bustos, afinal eles têm a tarefa de se ajustar para estabelecer encontros na nova relação – e que seja, de preferência, uma relação harmoniosa nesse novo desenho que se configura. Foi a busca desse ajuste que levou para a psicoterapia o casal triangular que atendo e que é objeto deste estudo.

Na obra de Moreno observam-se alguns tratamentos com casais: George e Bárbara, Robert e Dora, Sr. e Sra. T (VITALLE, 2004). O último deles escrito por Moreno (1984, reedição de 1932) “Tratamento Psicodramático de Problemas Conjugais” descreve o tratamento de um casal dando ênfase aos aspectos teóricos, e à dinâmica da relação, usando o sociodrama como método. Parece que ele não teve como objetivo analisar a subjetividade de cada um dos envolvidos no triângulo amoroso, mas sim com a trama sociodinâmica do problema trazido pelo casal à luz da Teoria dos Papéis.

Moreno (1984, reedição de 1932, p. 386) comenta sobre o tratamento: “*O mais conspícuo conflito matrimonial apresentado à atenção do consultor*

psicodramático é, de longe, o triângulo ou, melhor dizendo, o triângulo psicológico formado pelo marido, a esposa e uma terceira parte, homem ou mulher.”

A seguir, de forma bem sucinta, apresento a história do casal Anna e Frank para que possa ser observado o trabalho de Moreno com uma dinâmica triangular que, nesse caso, diferentemente do que atendo, não houve anuência do casal primário, e essa revelação acabou por vir no trabalho com Moreno.

A história desse casal se passa no ano de 1939, quando o marido resolve levar ao palco do teatro terapêutico do Instituto Moreno, sua indecisão afetiva entre sua esposa, Anna, e Ellen, moça que conheceu no período dos seus estudos em Boston. Estão presentes na primeira sessão: Moreno, egos-auxiliares, observadores e Anna que, muito compreensiva no primeiro momento, permanece na plateia e mostra-se disposta a ajudar Frank.

Moreno convida Anna para subir ao palco, para que juntos representem a última cena em que se falou sobre esse problema. Essa parte da sessão está descrita no protocolo de forma completa. Moreno faz algumas intervenções interpretativas após o término dessa sessão. Na segunda sessão, após uma semana, Moreno solicita a ajuda de um ego-auxiliar para representar Ellen, mas Anna não suporta assistir a conversa e sai chorando do teatro. Eles reproduzem a discussão que Frank e Ellen tiveram no hotel em Nova York, em que Frank expõe seu desejo de deixar Anna para ficar com Ellen. Num determinado momento da sessão Anna retorna silenciosamente.

No terceiro encontro Ellen está presente, após uma conversa particular com Moreno antes do começo da sessão, na qual ela deixou transparecer seu remorso por se envolver nessa relação. Ellen escolhe os egos-auxiliares que permanecem na sessão e mostra-se no primeiro momento resistente ao trabalho. Aos poucos Moreno a acalma e Frank e Ellen encenam o primeiro encontro. Em seguida decidem representar a cena depois das aulas em que, juntos, vão para a biblioteca. Representam também o jantar na casa de Ellen. Rose (ego-auxiliar) representa Anna. Nessa sessão, Moreno conversa muito com Ellen e Frank e, após suas intervenções, pede que representem a cena em que Frank disse pela primeira vez que a amava. A cada cena Moreno intervém.

Antes do início de todas as sessões Moreno pede que façam uso de solilóquios que, em alguns momentos, é chamado por ele de “monólogo”. Para

Gonçalves (1988), é através do solilóquio que o protagonista atinge os níveis mais profundos de seu mundo interpessoal.

Na quarta sessão Anna chega parecendo estar disposta a aceitar a relação de Frank e Ellen, mas veio sozinha e fez uma sessão fechada pedindo segredo sobre o que ocorrera. Em nove cenas, Anna descreveu as tentativas, em vão, de ter um filho com Frank.

A quinta sessão ocorreu meia hora após a quarta. A cena representada foi Anna em seu quarto fazendo um solilóquio, dizendo que tinha vontade de morrer. Nas cenas seguintes Anna mostra seus sentimentos de vingança contra Ellen, querendo provar que é linda e atraente. Anna mostrou ainda seu sonho com outros homens que pudessem desempenhar em sua vida o mesmo papel que Ellen ocupava na de Frank.

Na sexta e sétima sessões, ainda vindo sozinha, Anna representa o encontro com quatro homens, que há muito tempo se interessavam por ela, e confessa ter passado uma noite com cada um e explica o motivo: ela estava vivenciando todo o seu desejo de vingança, estava vivendo o prazer do revide. As três outras noites daquela semana, Anna passou com Frank.

Na oitava sessão, Anna e Frank vêm juntos e ela solicita, mais uma vez, uma sessão fechada antes. No palco conta para Frank que está grávida.

Na nona e décima sessões o conflito chega à solução. Os três compareceram juntos. Ellen declara que jamais se casaria com Frank e ele fica angustiado com a decisão dela. Anna assiste às cenas com ar triunfante. Frank chama Anna ao palco e após uma discussão fica claro que não podem mais viver juntos. Cada um segue seu caminho. Frank cumpre seu papel de pai.

Após dois anos, Anna casa novamente e mantém em segredo que o filho não é de Frank; ele, por sua vez, casa também e se encontra eventualmente com Ellen, que permanece solteira.

No final do protocolo, Moreno explica que é mais vantajoso fazer uma boa separação do que manter um mau casamento. Em apenas dez sessões o nó foi desfeito e cada um seguiu seu caminho.

Utilizei-me desse trabalho e descrição de Moreno para analisar minha prática com os casais triangulares e vou aqui me ater a pensar na frase em que ele diz que é mais vantajosa uma boa separação do que manter um mau casamento. Gostaria

então, que refletíssemos juntos se vale mais a pena um bom casamento a três ou uma separação que só trará sofrimento a todos.

Fiz de tudo e farei de tudo para que esses casamentos possam valer a pena. Afinal, se este é o desejo dos cônjuges, cabe a mim, como psicodramatista, ajudá-los a encontrar a possibilidade de fazer valer a pena estarem juntos.

França *in* Vitale e col. (2004) analisa a contribuição de Moreno para a criação da terapia de casal e família, apesar de sua atuação nos atendimentos que envolveram triângulo amoroso ser questionável à luz do conhecimento atual. Moreno foi pioneiro no tratamento de casal e família, pois cuidava primeiro de cada um, para depois cuidar da relação, pois ele entendia a relação conjugal como uma unidade. Moreno atendeu a diversos casais, famílias, assim como outros agrupamentos especiais, tais como: amigos íntimos, sócios de um negócio, membros de uma família, amantes, dentre outros, por acreditar que esses agrupamentos necessitam de um tratamento específico quando desenvolvem problemas de relacionamento. Portanto, a terapia interpessoal representa para Moreno uma categoria especial, considerando-a separadamente da terapia individual e de grupo.

O vínculo conjugal é peculiar e de difícil tratamento, uma vez que é comum que o casal crie inúmeras armadilhas que, muitas vezes, envolve o psicodramatista que não tem conhecimento da dinâmica conjugal.

É comum que no conflito amoroso torne-se evidente um elemento que é presente no início do relacionamento, fazendo com que os cônjuges se atraiam um pelo outro, mas que em determinado momento do casamento transforma-se naquilo que é mais difícil de suportar na personalidade do outro (BENEDITO *in* VITALE e col., 2004). No caso de Anna e Frank a dependência de Anna não era um problema na relação, até que Frank conhece Ellen, que se mostra independente e dona de si. Isso faz com que Frank perceba a dependência de Anna, embora ela tenha tentando se mostrar independente para aguentar a situação, mas, no fundo, essa não era sua personalidade verdadeira. A autora faz um jogo de palavras que é no mínimo interessante para explicar esse fenômeno: somos traídos por aquilo que nos atraiu.

Para finalizar quero falar um pouco sobre algo que permaneceu por um tempo na vida conjugal de Anna e Frank, e que permaneceu entre eles “eternamente”, porém com outro formato: o segredo. Weingarten (*in* IMBER-BLACK e col. 1994), nos mostra que há uma crença de que o segredo protege e mantém os relacionamentos. Contar a verdade é visto como autoindulgência, isso cria

“monstros” e danifica os relacionamentos. Os segredos são impedimentos à intimidade. Para Roberts (*in* IMBER-BLACK e col.,1994), os segredos são contextuais, eles assumem diferentes significados em diferentes momentos; as informações que devem ou não ser mantidas em segredo mudam de acordo com as regras sociais e culturais. O psicoterapeuta lidará com os segredos nos atendimentos de acordo como ele próprio lida com seus.

Obviamente, não sei como Moreno lidava com seus segredos, mas considero antiética a atuação dele em relação ao filho de Anna. Como é de se esperar, um segredo envolve muitas consequências. Nesse caso o filho de Anna deixou de conhecer seu verdadeiro pai biológico, Anna continuou sua vingança contra Frank, uma vez que o fez permanecer preso à família a partir do vínculo com a criança, inclusive com responsabilidades financeiras.

Moreno tratou os dois individualmente e o casal, portanto o contrato dele era com essas duas “entidades”. Atualmente o contrato é feito com a unidade casal, o que nos ajuda a lidar com os segredos de forma clara, o que não significa que seja mais fácil.

Para concluir este capítulo teórico, apresento mais uma rica contribuição de Perazzo (2010) no que se refere a “tele”. Não pretendo aqui esgotar a visão sobre tele, mas, em breves palavras, apresentar este conceito reformulado por ele a partir da leitura, observação e análise de autores pós morenianos: Perazzo (2010) com o seu artigo sobre empatia e transferência; Castello de Almeida (1982) que, em seu livro *Psicoterapia Aberta*, faz correlação entre método fenomenológico-existencial e método psicodramático, apresentando conceitos de intencionalidade, intuição e intersubjetividade; Dias Reis (1987), que faz uma análise crítica do conceito de tele, por um olhar fenomenológico e sociométrico e Moisés Aguiar (1990), como revolucionador do conceito de tele mostrando um caráter inter-relacional que não se opõe à transferência, onde seu caráter é intrapsíquico.

Perazzo define tele:

Tele é um fenômeno da interação viabilizado entre seres humanos abrangendo mutualidade, coesão, globalidade vivencial e polimorfismo de desempenho de papéis, incluindo a percepção mas não se limitando a ela, guardando correlações com posições sociométricas nos átomos sociais. (PERAZZO, 2010, p. 73).

Ou seja, ele apresenta uma visão dinâmica – eu diria até criativa – de tele atuante entre as partes, onde há vida e vivência. Isto fica muito claro no processo do

casal que estudo e que vive a três, de forma a validar tudo aquilo que Perazzo traz no seu conceito de tele. Há neles mutualidade, coesão e globalidade vivencial e, sem medo e com muita coragem, aceitaram viver juntos e enfrentar o mundo em busca do seu sagrado direito de viver.

3. METODOLOGIA

No presente capítulo, exponho o caminho que percorri para a obtenção das informações e como irei analisar os dados encontrados ao longo deste estudo.

Como poderá ser percebido, foi um caminho muito fácil de ser percorrido, já que nele estiveram presentes pessoas dispostas a colaborar com o processo da pesquisa, pessoas que prestaram enorme colaboração para a viabilização do meu projeto, colocando-se à disposição e colocando suas vidas à disposição para a compreensão do ocorrido.

Utilizo o método qualitativo procurando, segundo Becker (1997), detalhar um único caso a fim de tentar compreender o fenômeno que me proponho a estudar, ou seja, pretendo partir de um caso individual como uma espécie de “alavanca”, conforme proposto por Gagnebin (2001), para tentar compreender parte da sociedade, como uma totalidade.

A pesquisa foi realizada em meu consultório através do atendimento psicoterápico e observação de um casal composto por três pessoas: uma mulher e dois homens.

Uma das características desta pesquisa é a inserção de um novo sujeito na tradição de atendimento a casais. Surge então um casal com um desenho social diferenciado, um casal que se auto denomina “casal a três”.

Além das narrativas dos sujeitos entrevistados, exponho minhas observações a partir dos fatos que foram surgindo no decorrer desses atendimentos.

A escolha do casal se deu dentre os casais que atendo em meu consultório e minha motivação para o estudo deveu-se ao fato de que esse casal, em especial, apresentava uma característica diferente da usual: eram 3.

Foram transcritas as sessões de maior relevância durante o processo. Os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios. Convencionei chamar o casal primário de Marido e Esposa e o terceiro de Leonardo, para preservar seu anonimato.

Busquei através dos atendimentos e do uso das técnicas psicodramáticas maior e melhor compreensão do fenômeno ocorrido, e procuro neste trabalho, demonstrar a contribuição que o psicodrama trouxe para o caso.

O relato das pessoas envolvidas servirá para compreender outras dimensões de metamorfose identitária apresentada, em que a história colhida, a partir de novos olhares, amplia a compreensão dos diferentes significados do que ocorreu com aquele casal que vinha de uma formação bilateral, passando a ter uma formação triangular.

A análise dos dados obtidos buscará identificar as personagens que expressam os movimentos da identidade, procurando compreender o sentido do processo de metamorfose, conforme proposto pela teoria de Ciampa (1998).

4. DESCRIÇÃO DAS SESSÕES

Início este capítulo narrando meus primeiros contatos e minha experiência com o tema triângulo amoroso.

Tudo começou numa manhã de quinta-feira quando recebi a ligação telefônica de um homem solicitando atendimento psicológico para casal. Confesso que foi uma grande surpresa receber a ligação por parte de um homem já que, via de regra, os atendimentos a casais têm como característica o contato inicial vindo da mulher. Mas era apenas um fato curioso. O homem fez as perguntas de praxe, marcamos um horário para a próxima segunda-feira, já bem tarde da noite.

Na segunda-feira, pouco antes das 22 horas, terminando um atendimento, saí da sala com meu cliente e nos despedimos na recepção onde já estava aguardando o casal com o qual havia agendado. O homem se apresentou e apresentou a esposa. Pedi que aguardassem um pouco e ao entrar em minha sala, fiquei curioso ao ver uma pessoa do sexo masculino saindo do banheiro da recepção, pois naquele horário minha colega de consultório não costuma atender, mas achei que ela poderia ter marcado um atendimento fora do seu horário convencional e imediatamente o espanto se diluiu. Fui ao banheiro, tomei água e, voltando à recepção, convidei-os a adentrar à sala.

O casal entrou e a terceira pessoa também. Confesso que fiquei realmente surpreso, afinal casal são dois e não três (eu também considerava assim, até ali), mas, não sei explicar por que, consegui não demonstrar meu estado e permaneci tranquilo e em silêncio, esperando que se acomodassem. Isso gerou uma inquietação silenciosa entre eles, pois no meu consultório havia um sofá de dois lugares, um banquinho e minha poltrona.

Eles se olharam, como se através dos olhos pudessem se comunicar para decidir quem sentaria onde. Isso pareceu durar uma eternidade... não sei dizer se num silêncio ensurdecedor ou num barulho silencioso, gerando um aparente desconforto, afinal, quem se sentaria no banquinho? Após certo tempo o casal sentou no sofá e o terceiro no banquinho, ao lado da mulher. Houve uma combinação visual para que ela ficasse no meio. Nesse momento ofereci a possibilidade de trazermos uma cadeira da recepção e foi engraçado os três

responderem simultaneamente *“Sim, muito obrigado”*. Peguei a cadeira e a disposição deles continuou a mesma, apenas com a substituição do banquinho.

Aquela situação me deixava inquieto e causava muita indagação, mas, não sei explicar ao certo porque eu não perguntava. Havia como que uma força dentro de mim me orientando a permanecer em silêncio, apesar da vontade de acalantar minha curiosidade. Ardia mais forte em mim a necessidade de permanecer em silêncio e não hesitei em respeitá-la.

Após essa turbulência inicial, oriunda da acomodação física, os três me olharam e a pessoa que havia me ligado começa dizendo que fora muito simples chegar ao consultório, pois que ele conhecia o bairro. A esposa também disse que já estivera no prédio numa consulta médica e a terceira pessoa também concordou, dizendo que ia sempre ao metrô Ana Rosa. Ficaram por um tempo falando da facilidade de se chegar ao consultório, mas era claro tanto para eles quanto para mim, que havia uma real dificuldade de se chegar até minha sala. Isso ainda não estava publicado, e salientavam a facilidade do acesso ao local.

Até aquele momento eu não havia perguntado nada sobre o trio e resolvi continuar ignorando essa variável e perguntei então o que os havia levado à psicoterapia de casal. Um dos homens respirou longamente e, quase sussurrando, começou dizendo que havia me ligado porque precisavam de ajuda, pois estavam vivendo uma situação inusitada e não estavam sabendo lidar bem com isso e que haviam consensuado sobre a necessidade de encontrar um profissional que pudesse ajudá-los a compreender o que estava acontecendo.

A esposa disse que concordava plenamente e que eles haviam entendido que a melhor maneira de enfrentar a situação era poder falar com alguém que pudesse ajudá-los a compreender o que estão vivendo.

Ficou clara para mim a dificuldade em se abordar o tema, desde que chegaram a esse encontro: inicialmente pela longa explanação sobre a chegada até o consultório e depois sobre o consenso de buscar a psicoterapia. O incômodo estava posto, mas ainda não manifesto, havia um clima de tensão no ar.

Então o segundo homem se dirige a mim e me questiona se eu não havia estranhado o fato de estarem ali três pessoas, apesar de eu saber que se tratava de terapia de casal.

Respondi a ele perguntando: *“Você acha que eu deveria estranhar?”* Ele sorri e diz *“Acho que sim, afinal não é convencional uma terapia de casal a três.”* E eu

respondi *“Não sei se precisamos ficar presos a convenções, acho que se vocês estão aqui é porque querem algo que eu possa dar a vocês e isto para mim é o suficiente e é com isso que vou me ocupar. O resto veremos como vamos lidar com o passar do tempo.”*

Após essa minha fala ocorreu um suspiro geral, pois eles sentiram como que uma legitimação de sua situação. O rosto deles, até então marcado por aparente tensão, passa a estar adornado por um certo alívio e, quem sabe, até certa esperança.

Naquele momento me ocorreu que eu, de fato, não estava preocupado com a formação triangular e nem com a presença dos três, era, de verdade, apenas curiosidade. O que mais forte sentia em mim era o meu papel de poder ajudar e compreender o que estava ocorrendo, sem nenhuma interpretação e julgamento. Tudo isso ocorria sem que eu ainda soubesse o que significava a presença dos três e o que estariam procurando ali, afinal eles ainda não tinham falado nada.

Foi então que a esposa se virou para os dois e disse: *“Acho que está claro que a dificuldade está sendo nossa! Meu, até agora não falamos nada sobre o que nos trouxe aqui, e acho que ele deve estar acostumado a trabalhar com coisas não convencionais”,* e voltando-se para mim continuou dizendo: *“Estou e fiquei confortável com o fato de você não perguntar por que estávamos em três, isto me deixa bastante à vontade e a sua resposta em relação à pergunta dele me deixou mais confortável ainda. É bom saber que você pode nos ajudar independentemente da nossa formação e da nossa característica, já estou bem à vontade para falar.”*

O marido se dirigiu a mim concordando e falando que era bom saber que alguém podia ajudar. O terceiro também concordou e explicou sua pergunta anterior dizendo que precisava saber a minha opinião, mas que após minha resposta isso ficou sem relevância, pois agora ele sabia que poderia estar se cuidando sem necessariamente saber a opinião pessoal de quem estava atendendo: *“Afinal este é um problema seu”* e sorriu, e todos sorriram.

Disse então a eles que, já que as primeiras dificuldades tinham sido vencidas, poderíamos agora começar a mergulhar na questão, propriamente dita, que os trouxera até mim e que eles poderiam contar com meu conhecimento para ajudá-los no que fosse possível.

A esposa começa dizendo: *“É isso aí, acho que podemos mesmo te contar o que nos trouxe aqui. Bom, a nossa história, e aí eu digo a minha e a do meu marido,*

é marcada por muita alegria e por muitas coisas que têm a marca do encontro, do respeito e de muito amor.

A gente se conheceu na adolescência, eu tinha 16 anos e ele 17, foi o que chamamos de amor à primeira vista: eu estava jogando vôlei na quadra – afinal eu sempre gostei de esporte – e o treino das meninas estava quase no fim, e sempre depois vinham outros times para treinar, normalmente era o pessoal do basquete, mas nesse dia aconteceu uma mudança e entrou o time de vôlei masculino, que até então treinava em outro horário e eu nunca havia encontrado este time antes.

Meu, quando eu vi aquele menino, lindo moreno, nossa, gelei, foi mágico! Fiquei apaixonada, eu estava arrasando naquele treino, mas depois da entrada dele errei três ataques seguidos.

Caraca, esse cara me tirou da concentração por completo! (risos).

Cabe salientar aqui que os três riram, e ela continuou dizendo que ele também ficou olhando para ela e que parecia que o mundo em volta dela havia parado e que não havia mais ninguém. *“Ficou tudo em silêncio”,* diz ela.

Nesse momento o marido fala que para ele também havia sido da mesma forma e que, de fato, esse apaixonamento ocorreu simultaneamente e que concordava plenamente com ela. Diz que se lembrava de que ela errou os ataques no final e conta que o treino dele também ficou prejudicado.

“Nossa, aquela menina virou minha cabeça, fiquei louco por ela! Quem será ela, o que ela faz, onde ela mora, será que ela tem namorado?”, e continua falando do quanto foi legal terem se encontrado. Em seguida contam como se conheceram, falaram pela primeira vez: ele e ela dizem que ficaram procurando um pelo outro e que na primeira conversa já perceberam que ali estava nascendo um grande amor, contam ainda que neste primeiro encontro aconteceu o primeiro beijo, e que foi simplesmente lindo.

Ela volta a falar e a trazer mais detalhes da relação, mas aqui vou me ater a relatar as falas que considero mais relevantes. Ela diz que estava contando tudo aquilo para ficar claro que eles se amam muito e que depois de 10 anos de casamento não há nenhuma dúvida em relação a esse amor.

Ela fala ainda que o fato de eles estarem buscando terapia de casal não é pelo motivo de não se amarem, mas sim por ela estar também se apaixonando por uma outra pessoa e que ela não queria que isso pudesse acabar com o casamento dela. Que ela estava agora mediante um impasse inacreditável, pois jamais

imaginara que pudesse passar por um problema assim e que estava ali diante de mim com a esperança de poder ser ajudada.

Eu me dirijo a ela e digo que entendo sua preocupação, mas que agora seria preciso que ela falasse como aconteceu o envolvimento com o terceiro para que pudéssemos entender a situação. Ela diz:

Eu já contei tudo para o meu marido e é por isso, na verdade, que estamos aqui. Ele ficou triste, chorou muito e eu também chorei muito, mas eu falei para ele que eu precisava contar tudo, afinal eu não poderia mentir para a pessoa tão amada que ele é, e tão pura e verdadeira que ele é. Sabe, Maher, em nenhum momento me passou pela cabeça traí-lo e jamais eu me sentiria bem se eu não contasse tudo para ele, afinal quem ama cuida.

Bom, mas eu preciso te contar, afinal você ainda não sabe da história. Então, eu comecei te contando da nossa relação e que o nosso encontro e casamento foi marcado por muito amor e bom relacionamento em todas as áreas. Daí eu fico pensando o que você e o mundo podem pensar: Bom, se tudo é tão bom assim, então qual é o problema afinal, o que leva uma mulher bem amada, apaixonada e muito desejada a querer outro homem?"

E eu pergunto, então: "E a minha opinião e a opinião dos outros te incomoda?"

E ela responde: "Acho que não, talvez a opinião que mais incomode seja a minha. (E chora). Acho que eu também fico com vergonha do que está acontecendo, sei lá parece uma loucura, mas o encontro com Leonardo (que é o nome do terceiro) também foi mágico.

Eu estava numa reunião de negócios, quando o cliente me avisou que um novo investidor entraria na reunião, pois estava também interessado no negócio. Quando ele entrou me senti gelada, pálida, parecia que eu estava diante de algo aterrorizador. Era uma sensação muito boa, mas também muito perigosa, eu sabia que não devia sentir aquilo, afinal eu era casada, mas eu estava completamente tomada por aquele sentimento, tentava de todas as formas me focar na negociação e no trabalho, mas não aguentava, afinal aquele sentimento era maior, estava me tomando por completo e me dominando de forma que eu não conseguia escapar. Juro era muito, muito maior do que eu podia dar conta a aquela presença de Leonardo fora devastadora.

Ela se vira para ele e surge um olhar de ternura e ela continua:

Confesso que tentei evitar, pensei: bom, se tudo der certo só vou ver esse homem hoje e depois me livro. Tratei de colocar um preço que seria inviável para o investidor, mas para a minha surpresa ele ficou apaixonado pelo investimento e aceitou.

Nesse momento eu sabia que estava bem ferrada, pois isso significaria um convívio de muito tempo, afinal agora havíamos selado uma parceria que teria, no mínimo, uma duração de 2 a 3 anos. Saí da reunião atordoada, sabia que estava diante de um desafio terrível e que agora eu não tinha outra saída, pois não havia justificativa plausível para desfazer o negócio, e nem tinha nada que justificasse isso. Eu pensava: “Meu Deus, vou ter que ter força e me concentrar para lidar com isso.”

Depois desse pensamento percebi que precisava fazer algo, era preciso que eu pudesse lidar com esta questão, era preciso tomar cuidado, mas como fazer isso? Estava claro que eu estava diante de um encanto terrível, estava novamente diante de um novo amor, amor à primeira vista. Que difícil! Então isso não acontece só uma vez na vida? O que posso fazer, como posso proceder? Fiquei bem assustada e ao mesmo tempo encantada, você entende?”

Leonardo começa dizendo:

É verdade, para mim foi também esplêndido e diria até mágico. Quando entrei na sala e vi aquela mulher, fiquei atônito, pensava que mulher é essa? Como ela é linda, nossa adorei só de vê-la!

À medida que ela foi apresentando o projeto e narrando o negócio, fui me apaixonando por ela. Parecia feitiço, eu mergulhava na fala dela, parecia que ela falava comigo numa outra dimensão. Sei que parece ridículo, mas eu sentia assim, tanto é que até hoje não sei se me apaixonei mais pelo empreendimento ou por ela (risos). E olha que digo isso porque paguei bem caro pelo negócio, quase o dobro, mas valeu, vai render o quádruplo, é um ótimo negócio.

Mas eu também fiquei apaixonado e decidi que queria casar com ela. Me lembro que falei para um amigo que havia encontrado a mulher da minha vida e que iria casar com ela. Foi quando ele falou ‘Você está louco, como assim casar com ela? Você nem a conhece, nem sabe quem ela é, nem sabe se ela é casada!’, e eu respondi ‘tudo bem não importa, o que importa é que eu a amo e vou fazer tudo que for possível e impossível para casar com ela, custe o que custar.’

Sabe eu realmente fiquei louco por ela e não conseguia ficar um minuto sem pensar nela, parecia magia, e confesso que é magia, a magia do verdadeiro amor.

Eu estava diante de um dilema que é, no mínimo, instigante, afinal eu pensava, até ali, que triângulo amoroso não se sustentava, pois pressupunha traição. E que não poderia se manter, pois alguém estava sendo traído e, que quando isso viesse à tona, com certeza a relação ruiria, e ficariam muitas marcas de dor e sofrimento. Era por isso que eu entendia que não poderia dar certo, mas naquele instante eu estava olhando para três pessoas que se amavam e que queriam, aparentemente, ficar juntas.

Estaria eu diante de um novo formato vincular? Haveria possibilidade de dar certo? Teria eu condição de fazer esse atendimento? Muitas perguntas surgiram na minha cabeça – faltava um diretor para pedir um “Solilóquio do Terapeuta”.

Naquele momento pensei que o solilóquio poderia me ajudar muito com eles, afinal eu estava vivendo o solilóquio. Esta poderia ser uma preciosa ferramenta para me guiar no dilema que estava se desenhando com o triângulo ali configurado.

Não hesitei e resolvi pedir um solilóquio para o marido, e ele, que estava em silêncio, sorriu e disse:

Marido: Fiquei com vontade de dividir os meus pensamentos e você me pede para pensar alto, engraçado parece que você adivinhou.

E continua:

Marido: Bom, como você sabe, ela já me contou essa história, então.

Terapeuta: Pensa alto, só isso, não precisa explicar.

Marido: Ok, entendi. (risos) Bom, lá vai. Puta merda, por que isso teve que acontecer de novo com ela? Achei que seria só comigo, agora aconteceu com outro!

Terapeuta (vai ao lado dele e continua): Que merda, que saco, porra meu!

Marido: É isso mesmo! Que saco, que merda, porra! Porque teve que acontecer? (e começa a chorar)

Terapeuta (levantando-se): Marido, venha aqui, está difícil, não?

Marido: Muito difícil. Estou sofrendo, me sinto um merda, o que será que fiz de errado? Puta merda, onde foi que eu errei? Eu fiz tudo certo, por que agora ela teve que amar outro homem além de mim? Está foda.

Terapeuta: Então, você já falou isso para ela?

Marido: Não.

Terapeuta: Por quê?

Marido: Sei lá, acho que fiquei com medo. Quando eu fiquei sabendo eu senti tudo... mas ficou mais forte o meu amor por ela.

Terapeuta: Você quer falar isso para ela?

Marido: Quero.

Terapeuta: Então vou pedir para ela se levantar e você fala isso pra ela, pode ser?

Marido: Sim

Terapeuta: Tudo bem para você Esposa? Ela titubeia e me olha e eu digo para ela pensar alto.

Esposa: Puta que pariu, estou com medo, vai ser foda.

Terapeuta: Vai ser foda?

Esposa: É, vai ser, mas vamos lá, eu estou aqui para isso. Eu sabia que este enfrentamento teria que acontecer.

Terapeuta: Ok, então levanta.

Ela levanta, eu olho para Marido.

Terapeuta: Agora é com você, pode falar o que você tem a dizer.

Marido: Então, eu não te falei, mas agora eu vou falar: meu, que raiva, porque isso teve que acontecer? Que saco, você sempre me amou e ainda fala que me ama, por que o nosso amor não foi mais forte do que tudo isso?

Esposa: Eu sei que é muito difícil, e acredita, pra mim é muito difícil também, mas aconteceu, eu não queria, juro que eu não queria, mas aconteceu. Quando vi eu já estava totalmente apaixonada por Leonardo, mas nunca deixei também de te amar e é por isso que te contei tudo, eu te amo.

Marido: Não sei não se você me ama, afinal se você me amasse, você não deixaria espaço para outro, mas você deixou, e agora este cara entrou na nossa vida, que saco!

Esposa: Amor, eu não deixei entrar, você sabe disso, eu te contei como tudo aconteceu, mas foi mais forte, não tive como evitar, e eu até tentei, mas não deu. Foi maior do que eu, mas nunca deixei de te amar, tanto é que estamos aqui na terapia de casal, justamente para também poder cuidar da gente. Eu juro que te respeito e te admiro, acredite nisso, eu nunca quis te ofender ou te maltratar, meu amor.

Marido: Sei lá, estou confuso, com raiva, triste, sem saber o que fazer. E outra, será que você aceitaria outra mulher na nossa relação? Será que você entenderia? É fácil quando está desse lado!

Esposa: Claro que não é fácil, amor. Eu não sei se entenderia, acho que é muito difícil estar no seu lugar, juro que sei, mas uma coisa posso te garantir: eu estaria sofrendo tanto quanto estou sofrendo agora, porque eu te amo, e muito, acredita nisso.

Marido: É, nisso eu acredito.

Terapeuta: Por que você acredita nisso?

Marido: Porque eu acho que ela teve muita coragem em me contar e acho que se ela não me amasse tanto, talvez ela só me comunicasse o término da relação. Mas ela me conta e fala que não quer se separar, porque eu sou muito importante na vida dela. E eu sei que ela é uma pessoa boa, mas que raiva de tudo isso! Acho que tenho raiva dele, por ter entrado na nossa vida, até porque enquanto ele não existia nós éramos muito felizes e agora estou aqui por causa dele, infeliz e correndo o risco de perder a mulher amada.

Esposa: Amor, mas nós ainda somos felizes, porque eu não deixei de te amar. O que aconteceu é que entrou outro amor na minha vida e eu não consigo resolver isto, sei que você está triste, mas eu não posso simplesmente fingir que isso não aconteceu. Você sabe que eu não sou assim, se está acontecendo eu tenho que encarar e é justamente o que estou fazendo agora, acredita em mim.

Marido: Eu acredito em você sim, mas isso não muda a raiva que estou sentindo por esse cara, que merda, meu, vai entrando assim na vida dos outros, que raiva.

Terapeuta: Você quer falar isso para ele?

Marido: Sim.

Terapeuta (para Leonardo): Venha aqui, por favor. (ele se levanta prontamente). Agora pode falar Marido, o quiser falar pra ele.

Marido: Porra, meu, você tinha que existir? Porque você fez isso? Você não sabia que ela era casada? Você não tem vergonha na sua cara? Você sai por aí ficando com a mulher dos outros?

Leonardo: Eu já falei que não sabia que ela era casada, eu apenas fiquei apaixonado por ela, a ponto de pagar o dobro por um negócio. Não dava para controlar, eu nunca saí com nenhuma mulher casada e nem aprovo este tipo de coisa, eu super respeito o casamento e as pessoas que estão casadas. Jamais me permitiria, por princípio, invadir uma relação conjugal, mas, juro pra você que foi muito mais forte do que a minha razão manda. Eu simplesmente me apaixonei, aliás,

simplesmente não, complexamente. Nem sei se existe essa palavra, mas juro pra você, cara, que em nenhum momento eu quis te sacanear ou te ferrar, juro.

Marido: É fácil jurar, mas se coloca no meu lugar, como seria.

Leonardo: Putz, eu não tenho a menor ideia, nem imagino, sei lá, deve ser foda.

Terapeuta: Troca. Agora você, Leonardo vai ser Marido e você, Marido, vai ser Leonardo.

Leonardo no lugar de Marido: Puta merda, que difícil estar aqui no lugar de marido... É difícil mesmo estar aqui. Ele jura, mas eu que me ferrei, afinal agora a minha mulher gosta de outro e eu tenho que dar conta disso, porque eu amo muito ela e não quero perdê-la, e vou ter que engolir esse cara aí! Que merda, puta que pariu, que foda!

Terapeuta (dirigindo-se a Marido): Você ouviu o que ele disse?

Marido: Sim.

Marido no lugar de Leonardo: Putz, como é difícil ficar aqui! Agora te vendo aí fiquei com o coração partido, mas juro pra você que não é pessoal, juro que não quis te sacanear eu apenas me apaixonei por essa mulher, e não te desejo mal, mas entendo o seu sofrimento e talvez no seu lugar eu também não entenderia.

Terapeuta: Troca

Marido: Nossa, esse negócio é difícil, mas confesso que deu para sentir como é se colocar no lugar do outro e, sei lá, parece um pouco mágico, parece que agora eu consigo sentir que ele não fez mesmo por mal. Não sei como explicar, mas eu senti e vi que não era sacanagem dele, me remeteu ao momento em que eu a conheci na quadra e como tudo aconteceu, também foi inevitável. Meu Deus, será que isso pode acontecer mais do que uma vez? Nossa, Maher, foi incrível, não sei ainda como explicar, mas eu realmente estou mais calmo. Parece que aquela raiva de algum modo se desfez, sei lá, um lado meu entende, mas outro parece que ainda tem que ficar com raiva, estou sem saber o que fazer.

Permanece um pouco em silêncio e reflexivo.

Terapeuta: Pensa alto.

Marido: Putz, o que você fez comigo me fez sentir empático com ele, mas ao mesmo tempo não sei se deveria sentir isso.

Terapeuta: Por quê?

Marido: Sei lá, acho difícil aceitar a possibilidade de compreender Leonardo.

Leonardo: Concordo plenamente com você. Quando você começou a falar eu me senti mal, afinal eu tinha certeza que não fiz para magoar ninguém era apenas uma paixão, mas quando estava te ouvindo falar sobre sua dor, fiquei com raiva, mas quando entrei no seu lugar algo aconteceu e pude me sentir no seu lugar e isso foi incrível, parece que eu consegui te compreender melhor. Sei também, Marido, que pra você é bem difícil, mas cara, acredita, não foi sacanagem não, foi um amor que aconteceu. Nossa, Maher, como se chama esse exercício que fizemos? Cara, foi incrível!

Terapeuta: Inversão de papéis.

Leonardo: Nossa, é se colocar no lugar do outro literalmente, não só no pensamento, sei lá, foi mágico.

Marido: Realmente foi, mas não posso negar que os meus sentimentos estão confusos, acho que temos muito ainda por caminhar.

Leonardo: Com certeza.

Terapeuta: Temos sim, mas talvez isto tenha nos dado a possibilidade de diminuir os ressentimentos e assim ter a possibilidade de nos colocar no lugar do outro. O fato de se colocar no lugar do outro talvez tenha dado a vocês a possibilidade de diminuir os ressentimentos e a partir disso, vamos juntos vendo como as coisas vão acontecendo, buscando uma saída ou uma possibilidade para adequarmos a convivência de vocês. Afinal, se agora sabemos que não há maldade, mas sim amor, podemos visualizar a possibilidade de uma vivência melhor, que possa englobar o convívio harmônico e pacífico entre vocês.

Marido: Nossa, me parecia impossível e até agora me parece estranho que com esta simples atividade algo tenha mudado em mim. Será que não é só momentâneo? Será que depois isto não vai passar e eu vou voltar a sentir o que estava acontecendo?

Terapeuta: Não precisamos nos precipitar, afinal esta foi só uma vivência, podemos ficar calmos e gradativamente ir vendo e sentindo o que vai acontecer, sem ter que fechar nada, sem ter que decidir nada de forma precipitada. Caberá a todos nós ter calma e muita clareza para compreender o que está ocorrendo. Quero deixar claro que procuraremos sempre o melhor para todos vocês e caberá a nós procurar juntos, construir saídas que sejam espontâneas e criativas.

Leonardo: Espero que sim, pois realmente eu não quero nenhum mal para você, Marido. Quero que acredite nisso verdadeiramente e saiba que se pudesse

não teria escolhido me apaixonar pela sua esposa. Mas, enfim, aconteceu e agora vamos ver o que será. Quero colocar ainda que estou muito feliz em estar aqui neste consultório com você, Maher. Estou me sentindo mais seguro e mais calmo e mais esperançoso. Quando Esposa falou de irmos aqui na terapia de casal e me falou que o marido dela havia aceitado, fiquei morrendo de medo, e até relutei um pouco. Mas logo em seguida pensei que o que sinto por ela vale muito a pena, e se tivesse que pagar o mico pra ver o que iria acontecer, valeria a pena, de qualquer forma, mas confesso que estava morrendo de medo, reitero. Mas o seu acolhimento, Maher, o seu respeito e sua não invasão me trouxe muita tranquilidade. Verdadeiramente estou mais leve.

Marido: É verdade, eu também me sinto assim, bem mais calmo e vendo alguma luz no fim do túnel. Sei lá, ainda estou confuso, mas parece que houve alguma mudança e quero investir nisso e ver onde tudo isso vai dar.

Esposa: Nossa, gente, eu estou quieta, mas porque eu também acho que ocorreu uma mágica aqui hoje. Eu pensei em vir com todo mundo pensando que poderia acontecer uma tragédia, mas entendia que precisávamos de ajuda e estou saindo daqui desta sessão muito esperançosa. Foi de fato muito bonito tudo que vivi e quero deixar claro que respeito os dois e amo os dois e que jamais quero magoar você, meu marido, principalmente pelos anos e pelo amor que temos um pelo outro, mas também não quero magoar Leonardo, que também é para mim uma pessoa muito especial.

Terapeuta: Eu também acho que foi muito bom e quero dizer que vocês têm muito potencial e muita capacidade de elaborar questões. Saibam que faremos tudo para encontrarmos o melhor caminho. Então, antes de irmos embora, até porque já estamos em cima da hora, numa palavra cada um pode dizer como está saindo daqui?

Marido: Perplexo, positivamente.

Leonardo: Admirado com que aconteceu aqui.

Esposa: Feliz e com fé.

Terapeuta: Desafiado.

Assim terminou a primeira sessão com esse casal a três. Após irem embora, sentei um pouco e pensei: será que haverá saída para este caso? Tudo indica que sim, estou otimista, pude ver uma inversão de papéis que teve um resultado incrivelmente relevante, que pôde mudar toda a trajetória da sessão, pôde ajudar os

dois a se conhecerem um pouco mais. Estava também muito animado com os solilóquios que ajudaram a disparar o desenvolvimento da sessão, culminando numa perspectiva de novas possibilidades criativas.

Estaria eu diante da possibilidade de trabalhar com a adequação de um triângulo amoroso de forma saudável e sustentável? Seria no mínimo curioso, afinal alguém que sempre acreditou na insustentabilidade de um triângulo amoroso, estava agora diante de um dilema e de um desafio rumo a novas perspectivas.

Era um grande desafio, mas estava realmente feliz por ter tido a lucidez de conduzir o caso sem pré-julgamentos e sem nenhuma atitude preconceituosa. Mas seria necessário eu rever os meus conceitos sobre triângulo amoroso e o seu insucesso. Tinha a certeza de que eu precisaria agora olhar para este caso a partir de uma nova perspectiva, com o objetivo de ajudar esse casal triangular a encontrar uma possibilidade de se relacionar, respeitando o sagrado direito de amar.

Fiquei mergulhado nos meus pensamentos oriundos desta primeira sessão e no aguardo da próxima, para que eu pudesse continuar a avançar rumo a encontrar novas possibilidades de eles poderem viver compreendendo a complexa trama que estava ali se desenhando.

Naquela semana fiquei pensando em como aquelas pessoas inverteram os papéis tão facilmente e que, de fato, entraram no papel do outro de forma surpreendente. Eu jamais havia vivenciado algo parecido, mas estava no aguardo da próxima sessão para poder averiguar tudo isso.

Finalmente chegou o dia e lá estavam os três novamente em meu consultório.

Ao chegarem pude perceber em suas fisionomias certo relaxamento. Pedi para que entrassem e fiquei observando como iriam fazer para sentar, e desta vez foi bem simples: o casal original se sentou no sofá e Leonardo se sentou na cadeira, sem ninguém titubear.

Marido começa falando: Eu saí perplexo com o que aconteceu. Sei que parece estranho, mas dentro de mim ficou uma contradição: de um lado o que narrei na seção passada foi pura verdade e de fato aconteceu quando troquei de lugar com ele, mas do outro tem algo dentro de mim não aceitando. Você entende? (Pergunta para mim).

Terapeuta: Explica melhor.

Marido: Na verdade o que aconteceu é que tem algo dentro de mim não querendo aceitar ele, afinal eu deveria odiar ele.

Terapeuta: Deveria?

Marido: Sei lá, isso seria o certo, afinal ele foi o responsável por tudo isso. Sei que não é bem assim, afinal ela também tem a sua parcela de responsabilidade, mas sei lá... Ela eu amo, ele não, afinal ele é o estranho, então daí eu penso que seria certo eu odiar esse cara.

Terapeuta: Certo para quem?

Marido: Sei lá... Você imagina como os meus amigos, a minha família vão se deparar com o fato de eu saber que a minha mulher ama outra pessoa e eu simplesmente não faço nada e ainda estou fazendo terapia de casal para entender, junto com o cara! Não parece louco?

Terapeuta: Pra quem?

Marido: Você não acha louco?

Terapeuta: E isso importa?

Marido: Realmente estou “con-medo”.

Nesse momento ele faz uma mistura de confuso com medo, e pergunto:

Terapeuta: Confuso ou com medo?

Marido: Acho que com medo. Sabe, eu conheço minha mulher e sei da capacidade dela de amar. Então tenho medo de ficar sem saída, porque se ela ama, ela se dedica, só que agora essa dedicação será compartilhada, e isto é doloroso. Vou ter que conviver com tudo isso? Como vou fazer isso? Será que quero fazer isso?

Terapeuta: São muitas questões e muitas perguntas. Levanta Marido, vem aqui do meu lado.

Ele se levanta e eu coloco uma almofada atrás dele e outra na frente e peço para que ele olhe para elas. Explico que a que está atrás representa o casamento até hoje, e a outra o casamento a partir desse episódio, ou seja, o casamento com a presença de um terceiro. Ele me olha e fala:

Marido: Ok, entendi.

Terapeuta: Agora eu quero que você se coloque onde você acha mais confortável.

E ele vai de imediato em direção à almofada que está atrás dele.

Terapeuta: Como é estar aí? Me diga.

Marido: Bom, tranquilo, confortável. Nossa, que delícia, é isso, é bem aqui que quero ficar.

Terapeuta: Quem está aí?

Marido: Eu e a Esposa. Estamos num parque caminhando juntos, bem à vontade.

Nesse momento ele se vira para Esposa e a convida para ficar do seu lado; ela se levanta e ficam de mãos dadas.

Terapeuta: Está bom aí pra vocês?

Marido: Sim.

Esposa: Sim. Aqui é bem bom, sempre foi bom, eu juro que nunca reclamei disso.

Marido: Vamos ficar aqui juntos, eu te amo.

Esposa: Eu sei que você me ama e eu não quero sair daqui, mas aconteceu algo, amor, que eu não posso fingir que não aconteceu. Juro que tentei, mas não consegui.

Marido: Mas como vamos fazer? Eu sou seu marido e quero ficar com você.

Esposa: Eu também quero ficar com você como te falei e falo o tempo todo, mas eu também não posso negar o meu sentimento por Leonardo, que é forte.

Nesse momento peço para que Leonardo entre no papel de marido e peço para que Marido olhe de fora. Peço para que Esposa e Leonardo repitam a cena para que o marido possa ver de fora.

Eles repetem e ele fica olhando para o desenvolvimento da cena e fica um pouco pálido.

Terapeuta: O que está passando na sua cabeça? Compartilhe seu pensamento, pense alto.

Marido: Nossa, esse cara está bem ferrado.

Terapeuta: É mesmo, bem ferrado.

Marido: Sim, bem ferrado. Meu, agora olhando para isso percebo que ele está.

Terapeuta: Por quê?

Marido: Se ele ama essa mulher e ela está falando tudo isso para ele, eu vejo ele bem encurralado. O que fazer? Afinal ela agora ama também outro cara. O que fazer com isso?

Terapeuta: Então volta lá e faça.

Marido: Eu já sei, você vai ter que escolher, eu não vou aceitar, ou você fica com ele, ou fica comigo.

Esposa: Eu não consigo fazer essa escolha, eu amo os dois, como fazer uma escolha, se eu não consigo abrir mão dos dois amores?

Marido: Não sei, isso é um problema seu, resolva. Pra mim chega, eu não vou aceitar esse tipo de coisa, eu tenho que decidir, não dá para eu ficar nesse papel de bonzinho.

Esposa: Mas eu não quero que você fique em papel nenhum. Só quero que você entenda que eu não posso tomar uma decisão dessa, pois terei que abrir mão de você e isso eu não quero fazer.

Marido: Então você acha que a decisão é abrir mão de mim e ficar com ele.

Esposa: Eu não disse isso. Eu falei que se você me cobra uma decisão, você me coloca numa posição de escolher, e que como eu estou falando com você, parece que eu fico sem saída, tendo que abrir mão de você.

Marido: Mas não é isso?

Esposa: Claro que não, eu vim aqui pra terapia em busca de uma saída, de um entendimento. Quero poder entender tudo isso, eu também não sei o que fazer, sei do seu sofrimento e sei do meu, quero resolver.

O marido fica em silêncio. Início um duplo de marido.

Marido (duplo): Caramba! Eu queria ter força para pressionar essa mulher, eu queria poder mandar ela à merda, mas não consigo.

Marido: Isso, eu queria poder fazer isso, mas não consigo.

Terapeuta: Você consegue, vai, diga isso a ela, vai, força, fala, você pode!

Marido: Poder eu posso, mas não quero.

Terapeuta: Quer sim e você pode. Vai lá e diga tudo que está aí parado para ser dito!

Marido: Não, eu não quero, eu não quero.

E começa a chorar.

Terapeuta: Então o que você quer, diga a ela.

Marido: Eu quero dizer que dói muito, dói muito, mas eu te amo e quero muito ficar com você.

O marido vai em direção a ela e ela fala:

Esposa: Eu também quero amor, eu te amo.

E os dois sentam no chão e choram muito.

Nesse momento eu olho para Leonardo que também está aos prantos. Espero para que todos se refaçam e os dois ficam longamente abraçados e se falando, até que se acalmam e levantam.

Marido: Nossa, que sessão difícil!

E a esposa concorda.

Terapeuta para Leonardo: Você quer falar alguma coisa?

Leonardo: Quero sim. Estava aqui me segurando, mas estava olhando tudo e percebendo que eles se amam muito e que eu também a amo muito. E cheguei a pensar o quanto está difícil estar aqui percebendo que eu faço parte deste sofrimento. Mas quero que saibam que eu também estou sofrendo muito, e que juro por tudo que é mais sagrado que, se eu pudesse, eu teria evitado, mas juro que foi avassalador.

Marido: O pior... nada de pior, eu entendo, sei lá... Hoje eu tentei ser duro, romper com tudo, mas eu sei que o amor é mais forte que tudo isso. Nossa, essa sessão me fez super bem, mas eu ainda tenho medo.

Leonardo: Eu morro de medo de tudo isso, mas estou disposto a qualquer coisa pra ajudar.

Esposa: Gente, estamos todos sofrendo, ninguém aqui é culpado.

Marido: Eu sei, eu sei.

Leonardo: Nossa, que difícil!

Terapeuta: Gente, eu vou repetir que teremos que olhar e enfrentar isso com muita coragem, e quero que saibam que vocês são muito corajosos. Fácil não é, mas vamos continuar olhando para o sentimento de cada um e vamos enfrentar tudo isso com muita garra e força. Eu estou com vocês.

Leonardo: Maher, seu trabalho é formidável, eu estou adorando e quero te dizer que jamais pensei que fosse ser desta forma.

Esposa: Eu também estou chocada, cansada, mas consigo sentir a ajuda.

Marido: Nem me fala, parece que você me carrega no colo.

Terapeuta para Marido: Eu quero que você olhe agora para aquela almofada, aquela que representa o casamento hoje.

Marido: Eu sei, isso está posto, eu vou ter que olhar para isso e sei que não vai ser fácil.

Esposa: Todos teremos que olhar para isso.

Leonardo: Essa caminhada não será fácil, temos um duro caminho a percorrer.

Marido: Acho que muitas vezes eu tenho vergonha do que está ocorrendo aqui.

Leonardo: Eu também.

Terapeuta: Vergonha do quê?

Leonardo: Vergonha da sociedade, de mim mesmo, da situação. É muito difícil estar dentro de algo ou de uma situação que está fora de um enquadre social, parece muito fora da convenção. Sei lá, eu entendo Marido quando ele fala que o normal seria quebrar o pau, ter separação, briga e rompimentos. Mas, por incrível que pareça, nenhum de nós três está conseguindo fazer isso, parece que estamos paralisados, e isso provoca vergonha.

Marido: Na verdade provoca mesmo. Hoje eu achei que conseguiria quebrar o pau. Naquela hora que você, Maher, me falou para falar tudo que eu tinha para falar, foi muito importante, porque ficou claro que tudo aquilo que eu estava dizendo, (quebrar o pau, brigar, que ela tinha que se decidir), era mais um sentimento de querer resolver dentro da convenção, do que era, de fato, o que eu estava sentindo. Mas agora vendo o que Leonardo fala, fica uma vergonha, parece que somos anormais, parece que não estamos mesmo na convenção.

Terapeuta: E o que é convenção?

Esposa: Pois é, quero falar que também me sinto envergonhada, parece que sou uma vagabunda, acho que muitas pessoas vão pensar isso. Falei por cima para uma amiga e ela falou: *“Nossa, que mulher poderosa, isso é que é mulher insaciável!”* e fez alusão mais à questão sexual. Parece que ela queria me dizer que eu era pervertida, por pensar em ficar com dois homens. Ou seja, Maher, eu estou mesmo fora da convenção que é casal formado por duas pessoas, então o certo seria eu escolher.

Leonardo: Então, isso é convenção, e qualquer coisa fora disso, talvez seja visto como perversão.

Marido: É muito complicado não estar na convenção: é estar fora da sociedade, dos seus valores, é ser excluído, é fazer parte de minoria, é foda mesmo, sei lá, me dá medo. Olha o medo aí de novo.

Vou até a almofada e digo:

Terapeuta: Estamos aqui, percebem? Estamos falando daqui, do hoje, de como vamos lidar com isso, percebem?

Esposa: Já percebi, esse negócio de psicodrama é fogo! Eu acho louco e assustador porque a gente está aqui sentando, dali a pouco a gente começa falar e já se vê num lugar, sem perceber já está em outro e assim a gente vai falando. Nossa, que bom! Mas que medo! (risos)

Marido: Eu já vi sim, senhor Maher, mas realmente estou muito cansado.

Leonardo: Pois é, estamos aqui para isso e vamos ver no que vai dar. Seja o que Deus quiser.

Terapeuta: Então vamos encerrar por aqui hoje e quero que pensemos individualmente e de forma criativa o que cada um tem como proposta para esta questão. Lição de casa, certo?

E assim fechamos a sessão com eles saindo, parecendo que tinham enfrentado uma batalha – e de verdade enfrentaram. Estavam cansados, mas felizes, enxergando uma luz no túnel. Saíram nitidamente esperançosos e eu cada vez mais apaixonado pelo Psicodrama, que traz para o palco o drama e dá aos atores a possibilidade de enfrentar seus questionamentos e seus dramas.

Este caso é belo e marcado por muita dificuldade, mas, por incrível que pareça, esta trama tem por base o desejo de fazer valer o amor.

Neste trabalho de TCC, relato algumas das sessões, as que foram mais marcantes e mais relevantes para o processo de terapia do casal, mas, vou falar um pouco sobre como cada sessão se desenvolveu e de que maneira esse trio foi construindo a sua história, criando possibilidades para conviver e melhorar.

À medida que as sessões foram acontecendo, fomos percebendo muitas oscilações, entre medos, confusões e muitas alterações de sentimentos.

Isso ocorria com os três, afinal todos estavam envolvidos. Estavam ali três pessoas que sabiam que era preciso força interna para enfrentar tudo que estavam enfrentando. Era claro para eles, a cada sessão que passava, que seria necessário saber o que cada um queria e o que fazer com isso.

O marcante dessa história é que eles unanimemente queriam fazer a opção pelo amor, ou seja, havia amor entre eles e, ao perceberem que suas escolhas implicavam nesse amor, foram gradativamente percebendo que a solução de suas crises seria mais difícil do que seria dentro de um processo convencional, ou dentro de uma conserva cultural.

Esse trio estava, sem dúvida, inserido numa conserva – afinal, de algum modo, todos nós estamos – mas havia dentro deles o desejo de sair dela e a cada sessão isso ficava mais claro. À medida que iam identificando que a conserva cultural os levaria para o rompimento, de imediato “saltavam para dentro do triângulo” em busca do objetivo maior entre eles.

Cada vez ia ficando mais claro que seria necessário fazer algo em direção à possibilidade de, quem sabe, viverem a três, mas não poderíamos desprezar o medo que, via de regra, insistia em revistar cada um de tempos em tempos.

Para que se possa perceber de que forma o processo foi se construindo, cabe aqui colocar que algumas situações foram sendo mudadas, sem que houvesse uma combinação prévia entre eles.

A questão da minha sala, que tinha um sofá para dois e uma cadeira, e que no início era ocupada com o casal original sentando no sofá e Leonardo na cadeira, gradativamente foi se modificando.

Naturalmente iniciou-se a mudança: ora Leonardo sentava no sofá com Esposa e Marido ficava na cadeira, ora isso se invertia; houve vezes em que Esposa ficava no meio e os homens nas laterais, trocando entre si entre cadeira e sofá. Tudo isso foi chamando minha atenção.

Houve um dia em que os dois homens sentaram no sofá e ela ficou na cadeira. E assim foram ocorrendo essas trocas de posição, sem que eles sequer percebessem que isso estava ocorrendo e de que maneira, até o dia em que resolvi mostrar isso a eles.

Nesse dia eles foram tomados de muita surpresa e nessa sessão iniciou-se uma dramatização, onde cada um falava como estava se sentindo naquela posição. Eles iam trocando de lugar e a partir desse lugar davam voz aos seus pensamentos.

Vieram à tona muitas coisas bonitas que revelaram a eles de que forma estavam construindo essa relação triangular. Foi muito emocionante ouvir o depoimento de cada um deles, falando que era importante estar sentado naquele lugar e todos concordavam que não era uma simples troca de lugar, mas sim uma aceitação, por cada um deles, do respeito que se deve ter ao ocupar um lugar que inicialmente não é o seu.

Isso trouxe a eles a percepção do poder da ação corporal e o poder da ação psíquica e eles sentiram que dramatizar suas ações trouxe significativas contribuições para se mobilizarem em direção a uma nova perspectiva relacional.

Marido: Maher, quando você falou que estávamos trocando de lugar a cada sessão, num primeiro momento me pareceu irrelevante, mas isso durou segundos, logo percebi que o meu lugar original estava sob mudança. Mas a maneira como você conduziu a dramatização, fez com que eu entendesse que, de certa forma, eu estava aceitando aquela mudança e que eu não estava sendo forçado a nada.

Leonardo: Eu também percebi o quanto era grande esse significado e me fez perceber que em muitas vezes eu estava ocupando um lugar que merecia respeito. Na dramatização ficou bem claro para mim que eu não poderia ocupar o lugar do outro eliminando-o, mas sim entendendo que estávamos diante de uma formação nova, que merecia da minha parte todo e absoluto respeito. Era necessário, como eu falei, entender a responsabilidade de eu estar vivendo com estas pessoas. Não poderia ser apenas uma aventura, ali era sério e eu estava no meio de gente muito, mas muito decente.

Esposa: Nossa, Maher, agora eu percebo como essas mudanças têm um significado gigante pra nós. Realmente estamos vivenciando aqui a nossa vida de forma límpida e clara. Sabe, hoje começo a me sentir privilegiada por fazer parte desse processo. Cada dia que eu venho aqui, começo a perceber o quanto a conserva cultural é ruim, e que nós somos como você sempre fala, muito corajosos, afinal estamos olhando e mexendo em questões que fazem parte da nossa cabeça e que precisam ser olhadas com coragem. E que bom que estamos aqui, pois estamos tendo a oportunidade de ver as nossas questões de forma clara. Sabe eu sou muito agradecida a tudo isso.

Terapeuta: Fico muito feliz por estarmos tendo a possibilidade de olhar tudo isso de frente, e quero que saibam que também me sinto muito privilegiado em trabalhar com vocês. Saibam que isso me ajuda, e muito, a olhar e construir novos paradigmas rumo a uma saída saudável para vocês.

Saí dessa sessão pensando que o olhar amplo para a vivência psicodramática traz significativas contribuições para que o processo possa culminar em verdadeiros encontros. A utilização das técnicas colabora para o esclarecimento e o entendimento dos dramas vivenciados.

E assim fomos tendo outras sessões, sempre contribuindo para o crescimento do processo dos três. À medida que os atendimentos foram acontecendo, pude perceber a transformação gradativa de Marido, que cada vez mais saía da raiva e buscava entender e compreender o processo que estava vivendo.

Mas vou descrever em especial a próxima sessão, por considerar que a atitude de Marido teve um significado e um sentido bastante relevantes no processo desse casal. Confesso que a cada encontro eles me surpreendiam na maneira em que iam enfrentando as suas questões, e esse dia foi muito marcante.

Como de praxe, os três chegaram e agora havia um clima em que podíamos até brincar com a questão da dança dos lugares. Nesse dia eles brincaram comigo e Marido disse: *“Bom, Maher, toda semana temos que rebolar para sentar, e você fica aí sentadinho na sua poltrona macia, no mesmo lugar confortável. Acho que chegou a hora de você também rodar”*. Imediatamente Esposa e Leonardo concordam e fazem uma pressão *“É isso mesmo, você também precisa rodar”*.

Sem titubear, eu me levantei e me dirigi a eles perguntando: *“Bom, quem quer vir sentar aqui?”* E imediatamente eles se olharam e deram aquele sorriso maroto, meio amarelo, e um silêncio se instalou. Novamente eu repeti: *“Vamos, quem quer sentar aqui?”*

Leonardo se candidata e diz: Eu vou.

Nesse momento trocamos de lugar e eu me sento no lugar dele. Todos dão risadas, ele senta, fala que a poltrona é bem confortável, e fala para os dois: *“É bem melhor aqui do que sentar na cadeira; o sofá é tão bom quanto, mas é bem melhor que a cadeira.”*

Terapeuta no lugar de Leonardo: Nossa, Maher, como você está diferente hoje!

Leonardo no lugar de Terapeuta: É, estou mesmo, a começar pelo cabelo, você viu que eu coloquei um aplique, agora não sou mais careca, você gostou do *look*?

Terapeuta no lugar de Leonardo: Confesso que gostava mais do jeito que você era, sei lá, careca combina mais com você, parece que com cabelo fica um pouco estranho.

Esposa: É verdade, você fica melhor careca, parece que combina mais mesmo, não gostei desse *look* cabeludo.

Marido: Eu também concordo, careca você fica bem melhor. Mas e aí, Maher, o que vamos fazer hoje? (dirigindo-se para Leonardo no lugar do terapeuta)

Leonardo no lugar do Terapeuta: Bom, o espaço agora é de vocês, o que vamos fazer agora? Alguém quer trazer alguma questão?

Marido: Eu tenho, mas antes de falar, quero te fazer uma pergunta, espero que desta vez você responda, porque você sempre me devolve para que eu responda. Não que eu esteja reclamando, até porque sempre tem muita relevância, mas hoje quero matar a minha curiosidade.

Leonardo no lugar de Terapeuta: Sim, pode perguntar, hoje estou renovado, (risos) cabelo novo, jeito novo e psicodramatista novo. Hoje eu vou responder a sua pergunta dramatizando.

Nessa hora todos riem e eu também, pois foi muito espontâneo.

Marido: O que verdadeiramente você pensa dessa loucura que estamos vivendo? Pensa alto!

Leonardo: Troca! (e pede para que Marido sente-se no seu lugar de Terapeuta)

Marido: Ah, não, não vale!

Leonardo: Mas eu falei que responderia dramatizando. E então, vamos, senta aqui.

E eles trocam. Leonardo no lugar de Marido, repete o que o Marido havia perguntado.

Leonardo como Marido: Então, o que você pensa dessa loucura que estamos vivendo? Pensa alto!

Marido como terapeuta interrompe, se levanta e coloca uma almofada no seu lugar e olha para Leonardo-marido.

Leonardo como Marido: Você ouviu o que ele perguntou, o que você tem a responder?

Marido no lugar de Leonardo, ocupando o papel de Terapeuta: Nossa, que difícil responder isso, não sei como responder. Nossa travei, sei lá o que dizer.

Leonardo como Marido: Fala, vai, pensa alto.

Marido como terapeuta inicia titubeando: Meu Deus, o que vou fazer com esses três malucos? Será que isso é normal, será que isso não é caso de gente louca?

Leonardo como Marido: Mas você acha mesmo que é coisa de gente louca?

Marido como Terapeuta: Eu acho, muitas vezes eu acho.

Leonardo como Marido: E como é para você, tratar de gente louca?

Marido como Terapeuta: Sei lá, vou ter que tratar, afinal esse é meu trabalho, mas que é uma loucura, ah, isso é!

Leonardo pede para que Marido volte para o seu lugar e retira a almofada e vai para o lugar do terapeuta e continua falando com Marido.

Leonardo como Terapeuta: E aí, matou a sua curiosidade? Sua pergunta foi respondida?

Marido: Acho que foi, mas eu acho que isso tem mais a ver com o que eu acho, do que verdadeiramente o que o Maher acha. Sei lá, acho ele, desculpa, acho você, bem mais leve, tranquilo. Não acho que você acha a gente louco, mas eu acho, muitas vezes. Meu, quanto já trabalhamos essa questão, mas vira e mexe ela volta, eu realmente acho uma loucura.

Leonardo como Terapeuta: Você acha uma loucura, ou você acha que os outros vão achar uma loucura?

Marido: Agora eu percebo que tenho mais medo do que os outros acham, sei lá. Mas, ao mesmo tempo, parece uma loucura eu achar isso normal, apesar de que, inicialmente, eu havia trazido uma música em que pensei abordar um assunto, mas a sessão foi para outro lado e aqui estou eu trabalhando essa questão do que os outros acham e como vou lidar com tudo isso.

Leonardo como Terapeuta: Eu sei que não deve ser fácil pra você, mas você vai ter que lidar com isso e saiba que eu sempre estarei aqui para ajudá-los a enfrentar essa questão. Não se sinta menos por demonstrar tamanha nobreza. Eu admiro você e sua coragem.

Marido se emociona e fica em silêncio.

Leonardo olha para mim, terapeuta, e pede para que eu troque de lugar. Eu me levanto e ocupo a minha poltrona, seguindo as orientações do Leonardo no lugar de terapeuta. Leonardo vai em direção a Marido.

Leonardo: Cara, nós dois estamos morrendo de vergonha e preocupados com o que os outros vão pensar. Tá foda mesmo, eu só quero que você saiba que eu, Leonardo, te respeito – e muito – e tenho certeza que o Maher vem ajudando muito a gente.

Marido: É verdade, vem ajudando muito, tanto é que estamos conseguindo nos olhar e falar olho no olho, velho.

Leonardo: Me desculpa por tudo, não queria e nem quero ferrar a sua vida, quero poder viver o amor sem que eu tenha que invadir a sua privacidade, quero que saiba que te admiro como um homem de bem.

Nesse momento os dois estavam muito emocionados e era claro que estava sendo selada uma possibilidade de respeito mútuo entre esses dois personagens que estavam ali vivendo o dilema das suas próprias vidas.

Eu me levantei e pedi para que Leonardo pensasse alto.

Leonardo: Ufa, que alívio, foi bom. É bom poder falar claramente.

Terapeuta: E você Marido, pensa alto!

Marido: Caraca, que difícil tudo isso! Estou aliviado, nossa é bom ver que o medo não é só meu.

Leonardo: Nossa, foi bom ficar no papel de terapeuta! Isso me deu a possibilidade de olhar para o meu medo, de falar com Marido, de olhar nos olhos dele, e agora me sinto mais próximo, sinto que devo, de fato, respeitar esse homem que tem a coragem de lutar pelo amor dele.

Os dois se dão as mãos e se cumprimentam, e trocam um longo aperto de mãos. Confesso que essa cena me emocionou muito, fiquei tomado pela grandeza dos dois encararem tudo isso com hombridade.

Nesse momento me dirigi a eles e pedi para que compusessem uma imagem que pudesse contemplar aquele momento.

Os dois se olharam, foi engraçado, porque não falaram nada, mas parecia que estavam conversando no olhar. Pegaram as almofadas, o banquinho e fizeram uma espécie de um muro. Pediram para Esposa sentar na base do muro e os dois ficaram, cada um de um lado, ambos dando as mãos para ela e olhando para o muro.

Pedi para que congelassem a imagem e perguntei se alguém gostaria de olhar de fora, e todos, mas todos, responderam simultaneamente siiiiiimmmmmmm. Foi engraçado e todos riram pela sincronia do longo sim.

Esposa foi a primeira a sair, pois os dois falaram “*primeiro as damas*” e eu entrei no lugar dela. Ela olhou ,olhou e falou:

Esposa: Nossa isso é incrível!

Leonardo: Ficou lindo, gostei, achei criativo, gostei, é, gostei mesmo.

Marido: Nossa, ficou bom, olha como essas almofadas não caíram, desafiamos a lei da gravidade, nossa é mesmo, desafiamos a lei da gravidade!

Terapeuta para Esposa: O que é incrível.

Esposa: Nossa, essa imagem é muito forte, me passa a sensação que temos um muro gigante para ultrapassar, mas é incrível pensar que estamos de mãos dadas, isso parecia impossível.

Terapeuta: E agora, continua impossível?

Esposa: Sei lá, é só uma imagem, mas parece que estamos no caminho do impossível. Temos um muro para passar, essa imagem me passa uma sensação de que é possível ultrapassar essa barreira. Não sei como vamos fazer ainda, mas parece que hoje acendeu uma esperança, parece que estamos criando uma imagem que demonstra essa possibilidade. Acredito nisso, tenho fé nisso, mas não tenho ferramentas para lidar com isso. Espero, Maher, que com o seu conhecimento, você possa continuar a nos ajudar a chegar ao outro lado do muro.

Terapeuta: Vamos sim, você pode fazer muito, acredite no seu potencial, acredite na sua criatividade. Vou ajudar, mas a estrada deve ser pavimentada por você, teremos que ver se você quer passar por cima do muro, derrubar o muro, construir um túnel. Tem muitas saídas, pense nisso.

Esposa: Nossa, nem tinha pensado em tantas saídas. Mas tá vendo, você já está me ajudando a pensar em outras possibilidades e vou ver qual fica melhor, mas preciso pensar um pouco. Que bom que você tirou foto, assim posso pensar mais olhando para a foto.

Terapeuta: Isso, esse registro já está em você, agora veja que saída quer tomar, que direção pretende pegar, reflita, veja se quer mexer nesta imagem, vá lá, faça.

Esposa: Agora não, acho que está bom por hoje, não me sinto pronta para mexer em qualquer coisa ainda, preciso refletir. Neste momento me parece que qualquer ação é mera formalidade. Olhando daqui de fora, parece, aliás, fica claro pra mim, que este é o momento de apreciar esta bela construção. Muitas vezes temos que olhar e apreciar, para quem sabe depois fazer qualquer modificação. Estou satisfeita por hoje.

Terapeuta: Está bom assim, então volte agora para o seu lugar.

Terapeuta pede para que Leonardo venha olhar de fora e entra no lugar dele.

Terapeuta para Leonardo: Você disse gostei, criativo, me explica isso.

Leonardo: Gostei, gostei mesmo, porque hoje rolou algo incrível, hoje pudemos ver, eu pude ver que existe, sei lá, talvez...

Terapeuta: Sei lá, talvez, pudemos, pude, é isso mesmo.

Leonardo sorri: Acho que ainda estou meio confuso com tudo que rolou, eu sei que sempre as nossas sessões são mágicas, mas hoje eu pude ver nessa imagem a construção do nosso trabalho, pude ver a concretização de uma possibilidade de fazermos algo que possa contemplar as nossas vidas. Mas ao mesmo tempo tenho medo de tudo isso, tenho medo do muro cair na nossa cabeça. Não parece lógico o que estou falando, mas eu gostei muito mesmo dessa imagem, mas tem um muro. Mas o que gostei é que estamos aqui do mesmo lado do muro, e isso é bom.

Terapeuta: O que é bom nisso?

Leonardo: É bom saber que não precisamos nos matar, bom saber que Esposa é uma pessoa de bem, bom saber que Esposa não é louca, e que não é uma pessoa que quer apenas ficar com duas pessoas. Mas esse processo me fez entender que ela não se desligou dele, porque, de verdade, ele é uma cara gente fina, por isso eu acho a nossa imagem criativa. Sabe, eu nunca imaginei passar por algo parecido, mas estou passando. E agora eu digo, gostei, e isso me dá possibilidade de pensar no que você falou para Esposa sobre derrubar o muro, fazer um túnel, ou seja, temos possibilidades de construir algo criativo.

Esse processo que você chama de psicodrama é muito incrível. Eu sempre penso nas sessões em que você deixa de ser Maher e passa a ser eu, por exemplo. Eu nunca imaginei dialogar comigo mesmo, nunca pensei em ter dois olhares sobre mim mesmo, achei incrível. E agora essa imagem faz com que nós tenhamos de enfrentar o muro de hipocrisia que insiste em nos rodear. Viu? Eu fiz a lição de casa, ouvi a música. É isso Maher, eu estou conseguindo encontrar a criatividade para pensar nisso tudo.

Também acho que você terá muito para nos ajudar ainda, não sei o que vamos fazer com tudo isso, mas é como você falou pra Esposa, a estrada precisa ser pavimentada por nós. Vou pensar nisso e vou ver qual a minha contribuição nessa construção.

Terapeuta: Foi bom dialogar com você mesmo?

Leonardo: Me refiro àquelas sessões em que você sai do seu lugar e vira um de nós quando estamos presos em algum ponto. Daí esse diálogo ajuda. Lembrei disso hoje porque vi que também o dialogar com Esposa me ajudou no papel de terapeuta. Construímos isso juntos, foi incrível, foi mágico, ficou legal, mas não sei ainda o que vamos fazer.

Terapeuta: Você quer mudar algo nessa imagem?

Leonardo: Engraçado, agora não, afinal foi uma construção coletiva, portanto acho que agora cabe ficarmos apreciando o que construímos. Depois podemos ver o que fazer, por enquanto tá bom, mas tá bom mesmo, estou bem satisfeito.

Terapeuta: Tá bom, ficarei no aguardo do que você vai propor.

Terapeuta pede para Leonardo voltar a seu lugar e chama marido e pede para que olhe de fora a imagem.

Terapeuta: E você, Marido, percebeu o desafio, a lei da gravidade, e falou que ficou bom.

Marido: Num primeiro momento eu achei legal mesmo. A construção representou tudo que estamos construindo ao longo das sessões, foi realmente a concretização do nosso processo de buscar algo que pudesse fazer com que pudéssemos conviver em harmonia.

A sessão de hoje mostrou que é possível, e disso eu gostei. Sei lá, estou percebendo que vale a pena resolver as coisas de uma forma não violenta. Tá vendo, Maher, aprendi com você (risos). O lance da não violência é muito louco, porque está me levando a buscar saídas que sejam diferentes daquelas que são esperadas socialmente.

Hoje eu pude ver isso claramente nessa imagem, não tinha como fingir que não estava ali. Nós formamos uma imagem que contemplava os três, e isso antes me parecia impossível. Eu ainda sequer tenho ideia de como isso vai ser, mas algo está acontecendo e agora, olhando essa imagem de fora, fico motivado a vislumbrar uma nova saída.

Quando eu percebi o lance das almofadas vencendo a lei da gravidade, cara, olha, isso não caiu até agora, é muito louco, eu me lembrei da música que você falou para nós *“Eu vejo a vida melhor no futuro, eu vejo isso por cima de um muro de hipocrisia que insiste em nos rodear, eu vejo um novo começo de era, de gente fina elegante e sincera, com habilidade para dizer mais sim do que não, hoje o tempo voa amor, escorre pelas mãos, vamos nos permitir, que não há tempo que volte amor, vamos viver tudo que há para viver, vamos nos permitir”*. Nossa eu até decorei.

Então, Maher, se a lei da gravidade hoje aqui foi vencida, será que a lei da sociedade sobre o que estamos vivendo não pode mudar? Sei lá, é uma pergunta que estou fazendo para mim mesmo, mas é algo que mexeu muito comigo e não sei

que estrada eu vou pegar, muito menos qual pavimentar, mas uma coisa eu posso te falar, vai valer muito a pena essa vida vivenciar.

Nossa, deu rima! Meu Deus, estou muito emocionado, e estou todo arrepiado, sei lá rolou um psicodrama interno. Olha, senhor Maher, o que você fez comigo.

Terapeuta: Eu fiz psicodrama interno?

Marido: Não, sou eu mesmo. Lembrei do psicodrama interno, porque agora e durante o tempo que estava na imagem, eu estava muito dentro de mim, olhando muito e muito para toda a minha vida. Senti muitas coisas e muitas coisas estavam se remexendo em mim, foi mesmo um psicodrama interno, foi incrível.

Mas as suas sessões mexem muito comigo, a sua aceitação incondicional comigo me faz bem, me traz paz, me traz tranquilidade, e agora vou ter que ver o que vou fazer com tudo isso, nobre senhor Maher.

Terapeuta: Você gostou do que aconteceu hoje?

Marido: Sim, e muito. E não vou desistir de encontrar uma saída para essa louca vida. Meu, tá demais tudo que falo agora rima, peguei a sua doença, Maher.

Terapeuta: Você falou num momento da sessão que você havia trazido algo para hoje, mas que as coisas tomaram outro rumo, você quer falar algo a respeito?

Marido: Bom, eu já sei que está no final da sessão, mas eu queria apenas dizer que eu trouxe uma música e que podemos trabalhar na próxima sessão. Mas vai ser legal, porque a gente consegue trabalhar a mesma coisa de outra maneira, você vai ver que chegamos ao mesmo ponto. Mas agora vai ser importante eu pensar na sua tarefa do muro.

Terapeuta: Ok, você quer mudar algo nessa imagem?

Marido: Realmente não, agora sinto que tá bem bom por hoje.

Terapeuta: Então alguém quer falar mais alguma coisa? Vamos compartilhar a sessão?

Esposa: Simplesmente inacreditável, agora entendo o que você chama de Cultura de Paz. Obrigada a todos vocês, estou aprendendo muito.

Leonardo: Cara, estou nas nuvens! Valeu demais, já foi demais mesmo por hoje, que sessão foi essa! Lindo!

Marido: É bom ver que é possível viver na cultura de paz, obrigado.

Terapeuta: Bom, adorei sentar na cadeira (risos). E vocês são ótimos. Sou repetitivo nisso, mas vocês são ótimos. Eu quero que saibam que vou pensar muito nessa pavimentação, e sei que vamos construir algo muito lindo dentro do que eu

acredito que é a Cultura de Paz. Como diz a Betânia *“A arte de sorrir cada vez que o mundo diz Não”*.

E assim encerramos essa sessão mágica que nos trouxe novas possibilidades, novos caminhos, novas visões.

Estávamos sendo desafiados a criar outras possibilidades, a criar novos paradigmas, rumo a, quem sabe, um novo contrato matrimonial.

Nessa sessão ficou marcado para mim o quanto a concretização de imagem pode trazer significativas contribuições ao processo de perceber e ver saídas para os dramas da vida.

Nos depoimentos dos três ficava claro o quanto a imagem os ajudou a entender o processo de vida deles. A imagem trouxe para o concreto, materializou e efetivou algo que até então parecia impossível.

Vou continuar acreditando que, verdadeiramente, o psicodrama tem me trazido muitas possibilidades para ajudar as pessoas que estão lutando e buscando o sagrado direito de viverem felizes.

Na sessão seguinte, havia de minha parte uma grande expectativa em relação ao que ocorreu na semana anterior, pois, de fato, a imagem tinha deixado uma marca bastante significativa nos três. Eu esperava que isso pudesse trazer contribuições relevantes para o processo que estão vivendo, pois ficou evidente, com a construção da imagem, que ali estava sendo selada uma possibilidade de se darem as mãos.

Sem dúvida, tudo poderia terminar naquela cena, mas existia a possibilidade de se observar o que cada um, individualmente, pensou sobre o acontecido.

Cabe aqui narrar um fato importante que ocorreu durante essa semana: eu havia comprado novos móveis para o meu consultório e a entrega havia sido feita.

Saliento isso porque a dinâmica dos móveis na minha sala foi fator de muitas variáveis e assunto para algumas sessões, pois ter um sofá que cabia só duas pessoas, foi fator importante no processo deles.

Eu havia comprado um sofá que cabia quatro pessoas, três de forma bem confortável. Sabia que isso iria gerar repercussão e que poderia ter algum tipo de interferência na minha expectativa em relação à sessão passada. Mas, enfim, esta era uma nova variável que teríamos que enfrentar.

Chegou o dia de atender o trio, e estavam adentrando na sala quando de imediato Esposa observa a nova mobília e fala:

Esposa: Nossa, olha, sofá novo!

Terapeuta: Sim, um sofá novo.

Esposa: Que lindo, adorei! Nossa, que lindo!

Ela se deita no sofá, se esparrama e fala:

Esposa: Nossa, que macio.

Marido: Nossa, agora não vai ter mais a dança da cadeira. Nossa, me deixa ver, hummm... Que legal, é bem macio mesmo. Olha, é envolvente, parece que a gente é engolido por ele. Que macio, que delícia, adorei, Maher! Mandou bem, heim?

Leonardo: Eba, sofá novo, que legal!

E também se senta.

Leonardo: Nossa, que macio, adorei! Nossa, agora sim, isso é que é sofá! Finalmente!

Olho para eles, que pareciam três crianças que acabaram de receber um presente: os três esticados no sofá, bem à vontade, parecia que estavam deitados em casa, relaxados, assistindo algo na TV. A fisionomia de felicidade deles era evidente.

Terapeuta: Parece que vocês gostaram bastante do novo visual!

Esposa: Nossa, eu adorei, sei lá, parece que foi feito sob medida para nós. Sei lá, estou muito feliz, parece que você comprou pensando em nós. Estou até emocionada, sei lá, parece sem sentido, mas estou muito feliz em saber que recebi algo especial. Estou com a sensação de alguém cuidando, de alguém que se preocupou conosco.

Terapeuta: Mas é verdade Esposa, você acertou, eu comprei pensando em vocês. Eu já ia mesmo renovar a sala, mas o fato de eu comprar um sofá deste tamanho está ligado a vocês e à necessidade que despertou em mim de acolher vocês de uma forma boa, de acolher vocês bem.

Esposa chora e fala: Maher, obrigada mesmo, você não faz ideia do quanto este símbolo está representando dentro de mim. Estou emocionada mesmo, estou feliz.

Terapeuta: Em que outros momentos você se sentiu assim na sua vida?

Esposa: Quando eu era pequena, meu pai sabia que eu não gostava de dormir na minha cama. Era uma cama boa, mas eu não gostava, eu sempre sonhava em dormir em uma rede – eu tinha o sonho de morar numa cabana – mas a

nossa situação financeira não era muito boa, daí eu tinha que ficar com aquela cama, que era a que meus outros dois irmãos haviam usado.

E agora esta emoção me remete ao dia em que meu pai comprou uma rede para mim e permitiu que eu pudesse fazer do quarto uma cabana. Ainda lembro que a minha mãe achava aquilo uma grande loucura, mas meu pai enfrentou minha mãe e permitiu que eu montasse a minha cabana.

Chora, fica em silêncio, e continua dizendo:

Nossa, eu sempre fui diferente, sempre quis fazer diferente da minha mãe. O sonho da minha mãe era que eu tivesse um quarto bonitinho, arrumadinho, todo rosinha, o verdadeiro quarto de Barbie, mas eu não queria, eu sempre fui muito feminina e vaidosa, mas era uma coisa mais indígena.

Minha mãe não aceitava a ideia de eu gostar de rede, cabana, fogão a lenha, panela de barro, comer no chão, dançar em roda. Ela queria que eu fosse dançarina de balé. Nossa eu odeio balé!

Mas meu pai enfrentou a fera e falou *“Deixa a menina ter o quarto que ela quer, afinal agora estou podendo dar as coisas para os meus filhos, agora o meu ganho permite, deixa eu também curtir essa ideia.”* Ela esbravejou, brigou, mas no final aceitou.

Naquele momento eu me senti entendida, acolhida, amada, respeitada. Meu pai validou o meu jeito de ser e foi bem bom. E agora, eu entrar nessa sala e ver este sofá, e deitar nele, me remeteu a essa linda história. Fiquei muito feliz, aliás eu estou muito feliz. Obrigada, Maher, por ter pensado em nós, estou muito feliz com tudo isso.

Sabe, Maher, na semana passada eu saí muito mexida com aquela imagem. Eu sei que você me pediu para falar, ou fazer algo, mas estava completo, eu havia visto algo muito rico, uma construção coletiva, porque enquanto eles iam construindo aquele muro e aquele lugar para eu ficar no meio dos dois, eu também estava pensando em algo parecido.

Quando vi o resultado final fiquei perplexa e sem reação, parecia que havia ocorrido uma comunicação télica. Estávamos nos comunicando, mas eu fiquei com vergonha de falar isso naquele momento, mas agora eu posso falar.

O muro para mim representou proteção, representou algo que poderia nos dar proteção, pois estávamos todos do mesmo lado de mãos dadas, unidos, em busca

do nosso jeito de ser, em busca de um jeito de ser, em busca de algo que pudesse contemplar a todos nós.

Não queríamos nos separar, queríamos construir algo novo, algo surpreendente, algo que até é difícil de ser aceito, mas algo verdadeiro, que fala do nosso direito de existir e coexistir sem magoar ou ferir qualquer pessoa.

E hoje, quando cheguei e vi o sofá novo, lindo, e agora que sei que você comprou para nos contemplar, pensando em nós, fico mais feliz ainda, fico tranquila, fico leve. É como se a sessão da semana passada ainda estivesse em ação, nós construímos o muro de proteção e você nos traz o sofá da acomodação.

Neste sofá cabe nós três, neste sofá tem espaço para compartilharmos as nossas vidas, era disso que eu ia falar hoje. E olha que esse sofá tem uma divisão onde cabem dois de cada lado! Podemos agora sentar juntos e separados, juntos e misturados, podemos agora ter o lugar onde somos respeitados, podemos agora existir sem ter que trair.

Terapeuta: Como é esse existir sem trair?

Esposa: Maher, como você já sabe, porque já te falei isso, eu odeio traição e concordo com a sua fala de que *“traição é submeter o outro a algo que ele não foi participado e nem consultado”*. E você tem razão, porque o que me deixa tranquila é que eu falei logo para Marido o que eu estava sentindo em relação a Leonardo. Não submeti ele à traição, eu o respeitei e falei com ele.

Terapeuta: E isso é existir sem trair?

Esposa: Sim, claro que sim. Falar a verdade sempre vale a pena e nesse processo estou vendo isso e estou gostando de falar a verdade. Isso tem me dado muita liberdade e muita leveza. Por mais difícil que esteja sendo todo esse processo, eu estou sendo verdadeira e isso traz boas coisas.

Traz a construção do muro, a pavimentação – que essa ainda não sei como vai ser – traz um sofá novo, traz aceitação e adaptação. Podemos aqui nesse sofá ter o espaço privado, nesse lugar de dois, mas também podemos ter o espaço dos três sem ter que excluir qualquer um de nós. Agora cabe todos nós, ninguém precisa ficar na cadeira.

Terapeuta: Era assim que você se sentia quando sentava na cadeira?

Esposa: Eu sei que era a configuração do seu consultório, mas aquela configuração nos fez perceber muitas coisas. Eu me lembro que na primeira vez em

que sentei nela, foi horrível, me senti excluída, parecia que eu não pertencia a nada, a ninguém, parecia que eu estava sendo banida.

Eu lembro que quando eu sentei você logo percebeu, foi quando você falou que você não era mais o Maher e que você iria ser outra parte de mim. Foi incrível aquela sessão, aquele diálogo de mim para comigo mesma. Eu me conectei comigo mesma, você parecia estar falando de dentro de mim, como se estivesse convivendo com o meu íntimo, e eu lembro que você falou de sensações que eu verdadeiramente havia sentido e vivido na minha vida.

E agora estou falando isso porque receber este sofá representa ser acolhida, ser respeitada, ser valorizada, isso é muito importante para mim. Eu fico feliz de estar aqui dando a cara para bater.

Leonardo: Nossa, esse sofá, Maher, é tudo. Esse sofá representa a materialização do que construímos a semana passada, parece que você saiu correndo e fez a lição de casa.

Eu lembro que você falou *“agora vamos todos ver o que cada um pode fazer a partir desta imagem”* e, cara, você foi lá fez, você comprou o sofá. Não importa se você comprou antes, se você comprou depois da sessão, mas o que importa é que você comprou e aqui está o sofá, aqui está a prova material, a concretização do muro, a materialização está aqui.

Eu saí a semana passada muito pensativo e depois me arrependi de não ter feito o que eu pensei quando você falou *“você quer mudar alguma coisa?”*. Eu titubeei, e olha que você falou quatro vezes, parecia que você sabia que eu queria, mas eu fiquei com medo.

Terapeuta: E o que você queria fazer?

Leonardo: Eu queria modificar a nossa formação, onde pudéssemos, além de dar as mãos à Esposa, eu dar também as mãos para o Marido.

Terapeuta: Então vai agora e faz de novo.

Leonardo fica olhando e fica relutando.

Terapeuta: Vai, faz, não fala, faz.

Leonardo vai em direção aos dois e pede para que se levantem e os dois se levantam, formam a imagem original da semana passada, sem o muro, (aliás acho que montar aquele muro de novo seria impossível!). Então ele começa a montar um círculo e vai em direção a Marido para fechar, o círculo, dando-se as mãos. Estão

em silêncio. Eles se olham para a formação e um silêncio permanece durante toda a cena.

Terapeuta: Congela a imagem!

Terapeuta para Leonardo: Você quer ver essa imagem de fora?

Leonardo: Quero.

Entro no lugar dele e ele olha do lado de fora. Leonardo começa a olhar, a se movimentar em torno da imagem e fala:

Leonardo: Nossa adorei, era isso mesmo que eu queria fazer.

Terapeuta: Você gostou do que fez?

Leonardo: Sim, era isso mesmo, estou gostando e quero muito que isso aconteça.

Terapeuta: Isso o quê?

Leonardo: Essa imagem que representa o respeito, a harmonia, o equilíbrio, novas possibilidades, novos paradigmas. Representa muita coisa boa, estou muito feliz, valeu. Maher, obrigado pela oportunidade.

E ele retorna ao seu lugar.

Terapeuta: Alguém quer ver de fora?

Esposa: Para mim está bom, eu fico satisfeita olhando daqui e vivendo isso.

Marido: Eu quero olhar de fora.

Entro no lugar dele e ele começa a andar em torno do círculo.

Marido: É incrível, mas nós estamos caminhando mesmo para isso. Eu gostei de ver, tem um ar de respeito aqui, eu estou gostando disso. Eu ainda não sei o que vamos fazer com tudo isso, mas eu sinto algo de bom rondando o clima. Valeu, para mim já é o suficiente.

A roda se desfaz e Esposa e Leonardo se sentam no sofá. Marido permanece em pé e fala:

Marido: Nossa, Maher, eu fiquei positivamente impressionado com este sofá. Quero falar que mexeu muito comigo, me fez perceber que de verdade estamos num lugar bom e com uma pessoa boa para cuidar de nós.

Sabe Maher, à medida que venho aqui, à medida que dramatizo, à medida que me coloco no lugar do outro, à medida que eu olho as cenas de fora, fui gradativamente sentindo menos raiva e menos vergonha de tudo que eu sentia.

Havia dentro de mim o sentimento de que eu não poderia aceitar qualquer outra possibilidade a não ser a separação, apesar de eu não querer perder a minha

esposa. Mas com todo o acolhimento que tive aqui e com todo o respeito, fui me sentindo mais à vontade para poder validar e aceitar tudo isso.

Maher, o sofá não é só um sofá, ele representa a possibilidade de eu aceitar alguém num novo formato. Difícil para mim ainda, não tenho a menor ideia ainda, mas quero poder aprender com essa experiência, quero poder aceitar Esposa num novo formato, quero validar o amor com a ausência da dor, quero viver sendo feliz mesmo não tendo razão, aliás essa sua frase me marcou “*Você quer ser feliz ou ter razão?*” Pois é, é difícil, mas vale a pena ser feliz, sim.

A semana passada eu havia trazido uma música e rolou toda aquela loucura do muro, que fez todo o sentido, mas a música foi trabalhada sem que eu tivesse falado dela. Hoje eu havia pensado em te pedir como podemos viabilizar essa nova possibilidade de vida e você me vem com esse sofá, incrível, mas o sofá mostra a possibilidade de transformar um lugar definido para dois em algo novo que pode abarcar outras formações.

Meu, é mágico, mas ao mesmo tempo é real. Que bom que temos um muro de proteção, que bom que temos a possibilidade de um novo pavimento e de uma nova pavimentação, podemos até ter túnel, mas no final prevalece a união e principalmente o respeito. Nós nos respeitamos e como você diz, o respeito é regra básica para a Cultura de Paz.

Eu quero viver em paz, e vou lutar para que isso se torne realidade, vou conseguir e quero conseguir, vou ser feliz, apesar de tudo que vou ter que enfrentar no mundo.

Terapeuta: Mas você já venceu o seu maior adversário: a vergonha de você mesmo.

Marido: Verdade, Maher. Venci e ainda estou vencendo, mas agora a luta é transpor o muro e poder viver sem medo de ser feliz, e eu te peço ajuda nesse processo, porque eu nem sei como fazer isso.

Terapeuta: Você vai, sim, vencer e eu estarei junto com vocês.

Terapeuta: E qual é a música? Ainda quer compartilhar?

Marido: Ah é, posso compartilhar sim, acho que vai ser legal.

Marido: É uma música do J. Quest, vou cantar: “*Ei dor, eu não te escuto mais, você não me leva a nada. Ei, medo, eu não te escuto mais, você não me leva a nada. E se quiser saber pra onde eu vou, pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou. E se quiser saber pra onde eu vou, pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou.*”

Então, eu estava e estou mesmo disposto a não mais escutar a dor e o medo, mas, de fato, eu não tinha a menor ideia de como fazer isso. Estava cansado de sofrer, estava cansado de me sentir oprimido e com dor no peito. Apesar da solução me parecer a separação, toda vez que eu pensava nisso sentia dor. Foi num dia desses que escutei a música e pensei, preciso levar essa música para trabalhar na terapia.

O mais interessante é que eu ouvi a música várias vezes, e uma sensação de alívio me tomou. Resolvi imprimir a letra, mas não tinha a menor ideia do que fazer com aquilo, daí a sessão começou daquele jeito, que foi você trocando de lugar com Leonardo. Bom, o resto vocês já sabem.

Todo o desenrolar daquela sessão me levou a não sentir dor, me levou a não sentir medo, foi incrível mesmo, eu saí me sentindo conforme eu havia dito, desafiando a lei da gravidade, foi mágico, foi belo.

Quando estávamos diante daquele muro de mãos dadas, eu fiquei sem chão, porque a música começou a fazer sentido pra mim, porque naquela hora eu não estava sentindo dor e nem medo, por isso eu falei que havia trazido uma música, mas que a sessão tinha dado conta de todo o conteúdo. Você me entende?

Terapeuta: Sim, claro que eu te entendo. Você falando da música agora, você sente que tem algo mais que queira trabalhar nessa música?

Marido: Não, até porque hoje a gente ajustou a imagem e isso já é uma escolha por minha parte: de não viver mais na dor e enfrentar o medo. Quando eu dou a mão para Leonardo, eu estou propondo uma vida sem dor e sem medo. Nesse caso aquela imagem fala por si só, ou seja, pra onde tenha sol, é pra lá que eu vou.

Claro que eu ainda não imagino como fazer isso, mas pelo menos eu já sei para onde eu quero ir e como quero viver, mas ainda não sei como transpor o muro na prática.

Terapeuta: Então vamos ver na prática como seria isso. Aqui está o muro, aquele que desafia a lei da gravidade. Olha ele aqui, você está vendo?

Marido sorri e diz: Sim, estou vendo.

Terapeuta: Aqui está Leonardo, (e pede para que Leonardo se levante) e aqui está Esposa (também pede para que ela se levante e coloca uma almofada no lugar de Marido).

Terapeuta: Olha, Marido, observa aqui de fora. Estas três pessoas estão te dando a possibilidade de ver, do lado de fora, a cena por vocês protagonizada. Você viu que Marido falou que quer viver sem dor e sem medo, e quer ir para onde tenha sol.

Marido: Sim, ele quer ir, mas não sabe como fazer isso. Ele está fazendo uma escolha pacífica, mas não sabe que passo dar para fazer isso, e nem como fazer isso.

Terapeuta: Você que está aqui do lado de fora não pode ajudá-lo?

Marido: Não sei não, sei lá.

Terapeuta: Vai lá, tenta, faça algo, converse com os outros, vê se podem te ajudar. Vai força, coragem, vai, homem!

Marido: Nossa, parece que você adivinhou. Meu, a minha perna está dura, parece que ela congelou, estou assustado, hehehe, para não dizer com medo. Falei que eu não escutava o medo, mas o miserável me pegou.

Terapeuta: E você vai deixar ele te pegar? Vai, enfrenta ele! Você não falou que não queria mais escutar ele? Não falou? Vai!

Marido sai da posição, se mexe e vai em direção à almofada e com voz firme fala para ele mesmo:

Marido: Vai Marido, agora você pode fazer diferente, agora você viu em todo esse processo que você quer fazer diferente, agora você sabe que pode fazer diferente, sai dessa inércia, não escute o medo, não escute a dor e vai, faça algo pela possibilidade de viver onde tenha sol.

Terapeuta pede para que ele troque de posição com a almofada e

Marido faz a troca.

Terapeuta: Você ouviu? Preciso repetir? Como foi ouvir isso?

Marido: É bom poder falar as coisas, me acalmei, às vezes eu preciso falar com um outro lado meu, sempre quando faço isso eu fico mais calmo. E é verdade, eu sei muito bem que posso fazer diferente e não ter medo de enfrentar o muro, mas às vezes o não saber o que fazer, paralisa.

Marido pede para trocar de novo com a almofada e esta troca acontece.

Marido vai em direção a Esposa e fala:

Marido: Saiba que estou fazendo isso por amor.

Em seguida se dirige a Leonardo e fala:

Marido: Sabe que estou fazendo isso por amor, mas agora nós vamos ter que trabalhar em equipe, preciso da ajuda de vocês.

Esposa: Eu sei que você está fazendo por amor e aprendi a te admirar e respeitar muito mais por isso. Sei que não será fácil fazer essa adaptação em nossas vidas, mas conte comigo, vamos nos ajudar sim.

Leonardo: Eu acho que já falei isso algumas vezes, mas neste caso a repetição não é ruim: você é um cara muito gente boa, e eu aprendi muito com toda essa história. Vou me esforçar muito para realizarmos essa nova forma de viver. Conte comigo, inclusive acho que o Maher vai ajudar muito nesse processo, mais do que ele já está ajudando.

Essa semana eu estava lendo um pouco do Islamismo e vi que eles têm uma série de leis que validam o casamento com mais de uma pessoa. Achei interessante, porque uma das condições é que a primeira esposa aceite a segunda. Neste caso é o marido, e como você está aceitando Marido, acho que podemos pedir a ajuda do Maher nisso, essa é a minha sugestão.

Esposa: Nossa, que interessante, eu não sabia que isso existia, não sabia que existia a possibilidade de casar com mais de uma pessoa sem que isso fosse uma transgressão.

Marido: Eu também não sabia, mas a ideia me parece muito interessante, assim ficaria mais digno, não estaríamos sendo vistos como transgressores. – olha eu de novo preocupado com mundo – mas, enfim, fazer algo legal me conforta, gostei da ideia, apesar de não ter a menor familiaridade com ela.

Terapeuta: Isso existe sim, no Islamismo há tolerância com quem quer casar com mais de uma pessoa, porém existe uma série de regulamentos que precisam ser cumpridos. Basicamente, a lei do profeta Mohamad (Sala Alah Aleih Wasalam) trouxe dignidade à concubina, dando a ela os mesmos direitos de esposa, assim ela não precisaria viver na clandestinidade e sem direitos.

Nesse momento os três ficam bem interessados e falam, quase que simultaneamente, que querem conhecer mais sobre isso, pois o caso deles se sintoniza com esse pensamento e ficam bastante interessados.

Terapeuta: No Islamismo essa concessão se abre para os homens e não para as mulheres, mas a explicação é muito simples: num primeiro momento, parte-se do pressuposto de que o desejo de ter mais que uma esposa é uma necessidade mais

masculina – apesar de isso estar mudando cada vez mais, e vocês são um caso – e o outro ponto seria saber quem é o pai da criança quando do nascimento.

Leonardo: Superentendo isso. Inclusive eu acho isso mesmo e vejo pelos contatos que tenho no dia a dia, que esta é mais uma necessidade masculina. Mas no nosso caso o que mais nos atrai é o amor, portanto não estamos falando só de necessidade puramente sexual, que é mais um instinto masculino, e hoje em dia o exame de DNA, resolve isso fácil. Tenho clareza que nos tempos de hoje o Profeta faria também concessão às mulheres.

Esposa: Eu acho mesmo que é verdade que esta é uma necessidade mais masculina, principalmente quando se fala da questão do desejo puramente sexual, mas também acho que isso vem mudando. Muitas mulheres hoje também querem ter liberdade sexual, mas este não é o caso, aqui o que nos une é o amor como primeiro princípio. Querer ficar juntos, no nosso caso, não é uma aberração, é o que estamos construindo e confesso que esta possibilidade da regulamentação Islâmica me atrai – e muito.

Marido: Acho que podemos entender que queremos olhar para isso e depois de conhecermos as leis, podemos em conjunto discutir como será essa transição. Vamos trazer esse material e Maher, pelo seu conhecimento da religião, poderá nos ajudar muito, o que acham?

Leonardo e Esposa concordaram.

Terapeuta: OK. Vamos fazer isso, então. Vou ajudá-los a encontrar uma saída dentro desses princípios que vocês querem. Agora vou pedir para que compartilhem a sessão de hoje, já está no nosso horário.

Leonardo: Muito feliz com tudo, com tudo que ouvi, com tudo que senti, e esperançoso com o Islamismo.

Marido: Eu também fiquei muito esperançoso e quero que possamos fazer isso dentro de princípios éticos.

Esposa: Estou feliz e me sentindo cada vez mais humana e menos uma mulher qualquer (risos), estou muito esperançosa.

Terapeuta: Ok. Gostei muito da nossa seção e também estou cada vez mais esperançoso.

A sessão terminou com eles saindo num clima bem animado. Estavam muito felizes, esperançosos com a possibilidade que pudesse contemplar o projeto de vida deles, onde eles pudessem se sentir legitimados. Para eles isso parecia ser muito

importante, estavam em busca de um código de ética que pudesse legitimar o jeito deles de viver.

Em vários encontros esta questão da legitimidade ficava clara para mim. À medida que a possibilidade de viabilizarem o projeto de viver a três surgia e ia se concretizando, aumentava a necessidade de torná-lo legítimo. Eles buscavam isso, e quando questionados a respeito dessa necessidade, eles insistiam no fato de estarem se unindo pelo amor e que não gostariam de se sentir transgressores, promíscuos, queriam fazer e tornar a união deles algo digno. Eu entendia que não havia mal nenhum em quererem dar dignidade à relação, afinal eles estavam se unindo por encontro amoroso, isso foi ficando claro a cada dia, a cada sessão. Portanto estava evidente que não se tratava apenas de uma preocupação com o julgamento externo, mas de querer validar todo o sentimento e toda a vivência que estava acontecendo no mundo interno dos três.

5. COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como acontece em toda pesquisa, este trabalho também teve suas peculiaridades, suas nuances, e suas particularidades. Sua própria construção mostra as diferentes metamorfoses que ocorreram na vida dos seres humanos envolvidos nessa trama.

Sua elaboração não foi fácil, apesar de ter sido extremamente prazerosa. Houve uma constante preocupação em não transmitir uma imagem que pudesse distorcer os fatos; fazia-se necessário o comprometimento com a clareza e a veracidade dos fatos, dando ao leitor a maior visão possível da trama vivida, pois é sabido que o tema triângulo amoroso constantemente provoca nas pessoas um olhar preconceituoso.

Ao elaborar este trabalho estava presente, o tempo todo, a minha preocupação em não passar qualquer contexto que não fosse aquele que eles trouxeram, buscando evitar os tradicionais olhares patológicos que são atribuídos às pessoas que fazem escolhas que não estão inseridas numa definida e determinada convenção social.

Esta atenção e cuidado foram bastante focadas no capítulo teórico, onde procurei dar claros contornos à questão da patologia, buscando “discutir” com os autores citados para demonstrar que, no caso em estudo, não ocorreu nenhuma caracterização de anomalias ou distúrbios, mas sim uma clara manifestação amorosa, onde três pessoas tiveram a coragem de enfrentar o desafio de validar o amor além da fronteira da conserva social que determina que o casamento seja apenas entre duas pessoas.

Historicamente, há constatação de mais homens infiéis sexualmente do que mulheres. Hoje essa diferença não é mais tão notória. Pesquisas realizadas pelo norte-americano Frank Pittiman (1995) e pelo brasileiro Bernardo Jablonsky (1991) apresentam dados demonstrando que praticamente a metade dos cônjuges será infiel sexualmente no decorrer dos seus casamentos, ou seja, as pesquisas apontam para uma mudança que, gostemos ou não, já vem acontecendo.

Quando se fala em triângulo amoroso, inevitavelmente ocorre uma ligação com infidelidade, com perversão. Mas como afirmo e reafirmo, e como demonstrado nas vivências e nos atendimentos, no caso em estudo não houve infidelidade, mas

uma manifestação amorosa que ultrapassava o limite de duas pessoas no casamento, incluindo um terceiro.

Quando digo que não houve infidelidade, estou falando sobre o fato de eles deixarem às claras, o tempo todo, o que estava ocorrendo. A esposa informou o marido, antes de se envolver sexualmente com o terceiro, ou seja, de imediato falou ao marido que estava atraída por um outro homem.

Parece-me bastante salutar fazer este comentário para reafirmar os motivos que me levaram a mergulhar nesta pesquisa. À medida que fui percebendo que os três estavam buscando na psicoterapia um entendimento do que estava ocorrendo, percebi que havia algo de saudável, que era procurar esclarecer, para não submeter o outro à infidelidade. Constantemente era trazida a questão de que seria muito injusto submeter o outro a algo que ele não poderia participar, ou seja, a infidelidade seria deixar o outro numa situação onde ele não poderia escolher. A ideia era justamente fazer com que o marido pudesse participar do desejo da esposa por um terceiro. Participar no sentido de estar ciente e não enganado, para que ele pudesse escolher se separar, caso entendesse que seria impossível conviver a três.

Para compreender o universo dos indivíduos pesquisados, optei por trabalhar a questão do triângulo amoroso articulada com a teoria dos papéis de Moreno.

Moreno) conceitua:

“Os aspectos tangíveis do que se conhece como ‘ego’, são os papéis em que ele atua, com o padrão de relações de papel em torno de um indivíduo, que é seu foco, o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos.” (MORENO, 1984, reedição de 1932, p. 29)

Eu estava diante do desafio de compreender o padrão das relações do papel social em torno de cada indivíduo envolvido na trama. Era preciso pesquisar e entender o ocorrido com o papel social da esposa, do marido e do terceiro. Não utilizo a expressão amante por eu entender, e por ter ficado bastante claro durante as dramatizações, que essa figura não existia, ou seja, a terceira pessoa era simplesmente um terceiro. Ele surge na relação de forma clara e explícita, sem que houvesse um envolvimento extra conjugal de caráter clandestino.

Por isso ratifico a ideia de que, de fato, não houve traição e é por isso que eles mesmos usam a expressão “terceiro” e não consideram a ocorrência como uma relação extra conjugal ou manifestação de traição.

Moreno (1992, p. 184): *“Todo papel é fusão de elementos particulares e coletivos; é composto de duas partes – seus denominadores coletivos e seus diferenciais individuais”*.

Claramente, o surgimento de uma terceira pessoa na composição de um casal que passa a ser, então, um casal triangular, traz ricas contribuições para o entendimento dos elementos particulares do papel no que tange aos seus denominadores coletivos e individuais. Convencionalmente se entende o terceiro como sendo o amante, porém, neste caso, ele não tem esta particularidade do papel social, assumindo assim uma peculiaridade individual inserida num contexto onde ele é um integrante de um casamento bilateral que agora se metamorfoseia em casamento triangular.

Perazzo (2010, p. 113) define papéis sociais da seguinte forma: *“Para designar todos os papéis da vida cotidiana que vivemos em nossas relações mais diversas (papel de pai, de médico, de amigo, de filho de marido etc.)”*.

Vou me apropriar do etc. colocado no final da definição de Perazzo para dizer que ele cabe bem no caso em análise, pois os três protagonistas, de fato, formam um novo complemento social, como um casal a três. Portanto, entendo que a partir deste trabalho, podemos também incluir na definição de papel social, integrantes ou parceiros na configuração *casal a três*. Ou, se preferirem, *cônjuges de um casal a três*.

Moreno (1984, reedição de 1932), afirma que o conceito de papel ultrapassa a dimensão social, e que a dimensão psíquica é ainda mais ampla, alcançando o indivíduo desde o seu nascimento, permanecendo por toda a sua vida, caracterizando-o como membro do seu átomo social. Esses papéis e modelos de papéis são construídos desde o nascimento ou talvez até muito antes do nascimento, principalmente se consideradas as expectativas criadas em relação à chegada de uma criança, do ponto de vista da família e sua sociometria, ou seja, da qualidade dos vínculos afetivos da família em que ela estará inserida, da expectativa dos pais e demais familiares.

Assim fui pesquisando cada elemento desse triângulo, em busca de seus diferentes aspectos no que se refere aos papéis. Era preciso pesquisar o papel do marido, o da esposa, como estes se viam nestes papéis, quais eram os aspectos sociais que já estavam internalizados e como lidariam com a peculiaridade do novo formato.

Todas essas questões foram sendo trabalhadas para que pudesse ficar claro para eles o campo em que estavam se propondo a entrar. Eles estavam vivendo uma grande tensão, mas à medida que os seus papéis foram sendo trabalhados e vivenciados, com o firme propósito de transformar essa tensão em algo mais leve, mais tranquilo, relaxado, foram percebendo que era possível dar vazão à sua espontaneidade e criatividade, tendo como papel comum o de quem ama independentemente de qualquer papel social imposto a eles.

A cada momento que nos deparávamos com essa questão, fazíamos um profundo mergulho pessoal, observando a função que cada um exercia na relação (marido, esposa, amante, terceiro etc.); mergulhávamos nas questões identitárias sem medo e sem preconceito algum. A resposta deles era sempre algo o mais próximo possível daquilo que socialmente poderíamos considerar saudável e tinha sempre o compromisso de descobrir uma forma, uma maneira de poder viver e conviver independentemente dentro da radical metamorfose que eles passariam a vivenciar.

Estava claro para eles o conceito de sintagma, ou seja, do conjunto identidade-metamorfose-emancipação e queriam entender e compreender a sua identidade. Sabiam que passavam por uma metamorfose, sujeitaram-se a ela e jamais desistiram de encontrar sua emancipação. Parece-me que ao optarem por viver a três, caminharam juntos em rota direta ao encontro dessa emancipação. Posso dar meu testemunho desse lindo processo, pois depois de cinco anos de trabalho esse objetivo foi alcançado.

Foram cinco anos em busca de entendimento do que os envolvia. Estavam firmes, lutando e desbravando a própria existência, sempre em busca da possibilidade de viver e conviver amorosamente. Não havia limites para eles, mas sim o ardente desejo de encontrar clareza nos seus processos de compreensão da identidade, tendo como finalidade o encontro consigo mesmo e com o outro, sempre de maneira respeitosa e harmônica, tecendo suaves contornos de amor, respeito e, principalmente, de respeito à individualidade e à preservação da identidade de cada um deles.

Ciampa (1998, p. 86) nos lembra que a identidade está presente nos mais diferentes momentos da vida cotidiana, nas relações sociais que estabelecemos: *“O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O*

“mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa.”

É importante levarmos em consideração as relações que os indivíduos estabelecem socialmente, a fim de compreendermos como ocorre a formação e transformação de sua identidade.

No caso objeto deste estudo fica evidente a transformação da identidade de todos os sujeitos envolvidos: os papéis foram todos remexidos e suas identidades metamorfoseadas num novo contrato conjugal e com um novo contorno social. Aliás, socialmente eles se comportavam de uma maneira bem tranquila: não houve maiores dificuldades ao comunicarem às suas famílias de origem, apesar de algum espanto por parte dos pais. Penso que eles estavam tão convictos do que estavam vivenciando, que naturalmente as famílias começaram a aceitar e a entender que as reuniões familiares, a partir de então, abarcariam os três concomitantemente. Isso também foi acontecendo naturalmente nos outros núcleos de convívio social, de tal forma harmoniosa, que não senti necessidade de descrever mais extensamente como essa relação amorosa se estabelecia nas incursões sociais. Por outro lado, eles tinham plena consciência que cada uma dessas incursões dos três juntos era um teste de enfrentamento de preconceitos.

Dependendo, é claro, do objeto a ser pesquisado, deve-se levar em consideração a forma como as pessoas se relacionam. Conforme mencionado por Geertz (1978), é importante estar inserido na realidade vivida pelo indivíduo para tentar compreendê-la. A rica contribuição do processo psicodramático se evidencia à medida que todos os envolvidos vivem os seus dramas a partir de diferentes olhares. Ao se colocar no lugar do outro, quando observa a cena do lado de fora, quando vai para a concretização de uma imagem, quando vive uma projeção no futuro. Todas, mas todas as técnicas psicodramáticas trouxeram rica contribuição para o processo em questão.

Embora Geertz (1978) nos aponte que, por mais minuciosa que seja a observação de um determinado evento ou situação, existe uma teia de complexidade à sua volta, não basta ao pesquisador se inserir no atendimento e na vivência e narrar o que aconteceu; é preciso tentar compreender a complexidade social que está envolvida naquela determinada situação.

Assim, ao discutir a identidade a partir das relações que estabelecemos socialmente, surge a necessidade de compreender tanto o percurso percorrido quanto o momento histórico em que as pessoas estão inseridas.

Ciampa (1989, p.157) explica que *“Identidade é história. Isto nos permite afirmar que não há personagens fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens.”* Essas duas dimensões, são aspectos fundamentais na compreensão do presente estudo, já que não nos constituímos simplesmente a partir de um *script* pré-determinado, mas a partir de uma relação dialética com a realidade sócio-histórica que nos é apresentada.

Considerando a realidade vivida durante a pesquisa, percebo que as mudanças identitárias não ocorreram somente nos sujeitos envolvidos diretamente na trama histórica: o pesquisador também encarnou o processo de metamorfose que se concretizou no mesmo palco em que se desenrolou o drama constituído pelas – e constituinte das – personagens aqui estudadas.

Ocorreu em mim uma profunda metamorfose em relação ao olhar para o triângulo amoroso, pois eu acreditava, conforme narrei em capítulos anteriores, que triângulo amoroso era algo insustentável, e que pressupunha traição. No entanto, fiquei diante de um triângulo possível e que agora, sem sombra de dúvida, se tornou viável a ponto de estarem convivendo em harmonia e já com uma filha – que se torna a filha de um casal triangular. Inevitavelmente, por pertencer ao modelo social triangular, sua identidade deverá ser construída de uma forma diversa de uma criança que nasce e cresce dentro de um modelo tradicional de casamento. É o mesmo que uma criança vivenciar a separação dos pais aos dez anos de idade com a vivência de morar com eles na mesma casa até a separação; o que é diferente dessa separação ter ocorrido quando ainda era bebê e conseqüentemente sempre ter tido a experiência de os pais viverem separados.

Nesse caso específico, a filha nasceu com o casal triangular já constituído. A consciência de que o modelo predominante é o de um casal a dois, virá mais tarde.

Para se trabalhar com o tema triângulo amoroso, é necessário que o profissional leve em consideração a dificuldade de se lidar com a dimensão emocional e social que esse assunto deflagra. Existe a crença, por parte de muitos, que profissionais que lidam com essa realidade precisam “ter sangue frio”, são pessoas que trabalham com coisas bizarras. Eis um exemplo: no último Congresso Ibero-americano, realizado na Argentina, uma pessoa que assistira a apresentação

de meu trabalho sobre triângulo amoroso no congresso de Brasília, me perguntou: *“E aí, continua trabalhando com coisas bizarras?”* ao que respondi: *“Não, trabalho com coisas humanas.”* Esse comentário deixa evidente o quanto o tema causa perplexidade. Contudo, cabe a nós, profissionais da saúde, cuidar para que sempre possamos contribuir para o crescimento das pessoas, independentemente de preconceitos oriundos do conservadorismo cultural.

Acredito que um dos principais desafios para o profissional de psicologia é ser capaz de não emitir juízos baseados no senso comum dominante. Penso que se o profissional não tem, ou perde essa capacidade, seu trabalho tende a ser feito como algo puramente mecânico. Ele precisa desenvolver a sensibilidade para compreender as diferentes implicações presentes na realidade vivida por cada pessoa.

Entendo que este trabalho trouxe ricas contribuições para a reflexão sobre a questão do triângulo amoroso, apresentando exemplo concreto de um novo modo de viver que se constitui.

Sem dúvida, está havendo uma transformação radical na dinâmica familiar, exigindo de nós, psicoterapeutas, um profundo e constante aprimoramento pessoal e profissional, em busca de possibilitar aos casais a compreensão desse novo desenho familiar. Está ocorrendo uma ruptura com o modelo familiar tradicional, onde o casamento ganha um novo adorno, possibilitando a vivência num formato triangular. Seremos obrigados a abarcar essa nova dimensão em busca de entender, compreender e ajudar as famílias e casais que desejem formar um novo contrato matrimonial.

Particularmente me sinto muito realizado com o trabalho elaborado, pois confesso que aprendi e estou aprendendo muito com este atendimento e com outros que vieram depois deste (atualmente atendo mais quatro casais triangulares) e que estou profundamente satisfeito com o resultado. Fica evidente para mim que estou, a cada dia, mais preparado para lidar com as questões trazidas, como também fica evidente o quanto consigo ajudar a desvendar os dramas vividos pelos casais, transformando-os em possibilidades de viver novos rumos e em novas maneiras de simplesmente viverem felizes.

Outro ponto que merece destaque neste trabalho, e que surgiu durante os atendimentos, é a poligamia. Na nossa cultura ela não é aceita, é vista como ilegal, no entanto há aceitação do adultério. Na relação em estudo, surgiu a questão da

poligamia e não a do adultério, uma vez que não havia traição. Pudemos, então, lançar um olhar para que eles pudessem legitimar o desejo de viverem de forma poligâmica.

Ao saber que Moreno já havia trabalhado com um caso de triângulo amoroso, resolvi conhecer e estudar mais profundamente sua obra, por isso trouxe para discussão o protocolo “Psicodrama de um Casal”.

À medida que fui estudando o protocolo, fui percebendo que, de fato, a minha escolha havia sido correta, pois a cada página lida eu me sentia mais e mais atraído e ia mergulhando no estudo, procurando absorver ao máximo o conhecimento ali contido. A cada leitura eu me apaixonava mais ainda pelo trabalho e pela discreta e corajosa atuação de Moreno. Fui percebendo que ele se permitiu trabalhar com uma questão bastante complicada, de forma leve e respeitosa, sem jamais exercer qualquer juízo de valor, procurando sempre dar aos protagonistas a possibilidade de entender e compreender tal vivência. Ressalto a importância desse posicionamento, pois isso ocorreu em 1939, época onde a moral era um princípio forte. Aliás, nos EUA, onde vivia Moreno, o moralismo persiste até hoje, bastante forte e repressor, haja vista que somente em 2012 um presidente americano se declarou favorável à união de homossexuais. Portanto, falar e tratar a questão do triângulo amoroso naquela época foi, sem sombra de dúvida, de uma coragem e ousadia ímpares.

Neste momento eu inevitavelmente me identifico com tal coragem e ousadia, me permitindo a atender um casal a três. Afinal, apesar de toda a nossa liberação e hipotética compreensão, questões assim ainda geram choque e conflitos e muitas vezes até reações raivosas mediante tal tema que, inevitavelmente, mexe com cada um de nós, conforme venho afirmando e reafirmando durante todo este trabalho.

O protocolo de Moreno nos faz constatar que muitas coisas permanecem muito parecidas, numa repetição de velhos padrões, apesar de toda a liberação sexual e ampliação das discussões a respeito da família, que ocorreram alguns anos depois de seu trabalho. Ao observarmos o caso de Frank e Anna, vemos um casal aparentemente apaixonado, que resolve se casar e formar uma família. À medida que as dificuldades vão surgindo, o casal começa a sucumbir. A questão financeira foi, sem sombra de dúvida, o maior entrave, pois isso acabou por levar o casal a tomar uma medida drástica: ir morar com os pais de Anna. A falta de dinheiro e a convivência na casa dos pais, que foi o tiro de misericórdia, gerou uma enorme

dificuldade no relacionamento do casal, destroçando qualquer possibilidade de sucesso do casamento.

Posteriormente, Frank vai estudar em Boston onde conhece Ellen, na biblioteca da faculdade, em setembro de 1937, onde fizeram alguns cursos juntos. Numa época em que a relação com Anna não estava muito entusiasmante, conforme relato de Frank, o esfriamento com Anna só foi sendo ampliado, ainda mais que ele estava diante da possibilidade de se envolver com uma bela jovem e repleta de vida (apesar de ele relatar que tinha consciência de que ela era uma criança).

É claro que não estou justificando o envolvimento de Frank com Ellen atribuindo a responsabilidade somente às dificuldades da vida com Anna, estou apenas retratando a situação vivida por eles naquele momento. No protocolo fica bastante claro que Moreno era realmente genial: ele não ficou na postura interpretativa, mas buscou psicodramaticamente auxiliar os três a compreender o que estava ocorrendo com eles, sempre procurando ajudá-los a encontrar a saída mais criativa e possível para cada um.

Moreno iniciou o trabalho com Frank e posteriormente com o casal, onde procurou dar a eles a possibilidade de trabalharem dramaticamente as suas questões. Numa sessão, Moreno (1984, reedição de 1932, p.190) fala: *“Eu lhes agradeço pela honestidade e boa vontade com que exprimiram os seus pensamentos sobre vocês mesmos”*. Depois se vira para o grupo e fala: *“É raro encontrar-se uma reprodução de pensamentos tão completa, as pessoas instruídas raramente podem ser tão honestas”*. Depois diz ao casal que percebeu que eles tiveram dificuldade em dar um fim para a cena, e faz a consideração de que algumas pessoas têm habilidade para iniciar algo, porém não têm a mesma habilidade para chegar até o fim. E fala ainda que tal fato, muitas vezes, ocorre por toda a vida dessas pessoas. Aqui fica claro como ele busca dar sentido para eles, aumentando assim os subsídios para maior entendimento de suas questões.

Posteriormente fez sessões com Frank e Ellen com Anna na plateia, sessões individuais com Ellen e sessões com os três, ou seja, algo absolutamente ousado para a época. Sem o menor constrangimento procurou trazer lucidez para que eles pudessem ir percebendo todo o embolho que envolvia aquele triângulo.

No final do trabalho Ellen declara que nunca se casaria com Frank, e que prefere ficar sozinha e viver assim, afinal ela sempre foi uma pessoa só.

Frank e Anna realizam o divórcio procurando manter um clima amistoso, e assim o triângulo estava dissolvido, quando cada segue sua vida. Frank cuida da criança que foi resultado de uma traição, sem saber disso. Anna casou depois de dois anos e Frank casou também, mas continuou se encontrando com Ellen eventualmente.

Na questão relativa ao filho, acredito que houve uma falha de Moreno, pois, conforme já comentei no capítulo teórico, considero que sua atuação foi antiética, pois ele compactuou com um segredo, o que, em minha visão, não foi positivo, pois eu entendo que os segredos trazem mais malefícios do que benefícios. No protocolo não ficam evidentes os motivos que o levaram a fazer isso.

Independentemente do fato de ele ter omitido a situação do filho de Anna, foi muito importante olhar para o conjunto da obra que, a meu ver, teve um resultado muito mais positivo do que negativo. Moreno diz: *“Não foi possível manter o casamento de Frank e Anna, mas uma boa separação é mais sadia que um mau casamento. Não nos foi, também, substituir um mau casamento por um melhor, entre Frank e Ellen. A solução foi, na melhor das hipóteses, uma espécie de divórcio catártico, uma terapia através da separação”* (MORENO, 1984, reedição de 1932, pg. 215). Ou seja, nesse caso, me parece que a melhor solução foi mesmo a separação, mas no caso que atendi a permanência do casal a três foi para eles a melhor solução.

A vivência desse protocolo me trouxe uma riqueza muito significativa, pois pude agregar à minha prática mais elementos do que aqueles que a leitura, por si só, não havia proporcionado. Entendo também que a vivência do protocolo veio confirmar o norte que eu sempre segui em minha prática clínica, que estou no caminho adequado para trabalhar com os casais que me procuram. Com relação aos triângulos, o protocolo também me fortaleceu para continuar trabalhando e aprimorando cada vez mais, a minha prática profissional. Se a ousadia era a marca de Moreno, ela também será, como sempre foi, a minha prática.

No caso em estudo ficou claro que vivenciar a poligamia era muito mais legítimo e honroso do que viver no adultério. O trio entendeu que deveria validar a sua necessidade de viver a três ao invés de viver uma relação extraconjugal sem o consentimento das partes envolvidas.

Estávamos diante do desafio de regulamentar a possibilidade de viver poligamicamente. Foi nesse momento que foi útil meu conhecimento sobre a *Shairia*,

que é o nome que se dá ao código de leis do Islamismo, e que regulamenta a possibilidade de se ter mais que um casamento. Não pretendo aqui adentrar profundamente na questão da *Shairia*, pois, o objetivo não é falar sobre o tema, mas sim demonstrar que ela serviu, e muito, para que pudéssemos possibilitar o convívio a três.

Para eles o maior temor era saber como poderiam viver juntos sem que esse convívio pudesse gerar ciúmes, injustiças e desequilíbrio na relação. Queriam buscar uma convivência que pudesse abarcar igualdade, justiça e, principalmente, respeito. Neste sentido o conhecimento da *Shairia* e a sua implementação trouxe grande contribuição para que eles pudessem conviver sem que qualquer membro pudesse se sentir em desvantagem ou em situação de menor favorecimento.

Eles puderam, juntos, viabilizar regras e regulamentações num novo contrato, que contribuíram para o sucesso da relação, permitindo que eles pudessem conviver em harmonia e equilíbrio, sentindo-se todos contemplados em seus direitos e deveres básicos. Cabe aqui salientar que isto permitiu que pudessem ter uma filha, dentro de um acordo previamente alinhado entre eles.

Espero que essa experiência continue sendo uma contribuição aos outros casais que me procuram, buscando novas possibilidades de viver e conviver em harmonia, fora de padrões pré-estabelecidos. Os resultados estão surgindo de forma bastante animadora, dando a mim a certeza de poder ajudar essas pessoas na difícil tarefa de caminhar em conjunto, até porque, como sempre digo: Conviver é uma arte. É a arte de viver e conviver juntos.

Assim, me sinto bastante satisfeito com o resultado alcançado, pois a introdução da concepção de casamento da *Shairia* trouxe uma conciliação satisfatória aos três. Viver a dois já é um desafio enorme, o que dirá a três! Sem dúvida, esse conjunto de normas (a *Shairia*), além da busca contante da compreensão do que ocorria durante todo o processo, foi o que tornou possível transformar o desejo em realidade, com a peculiaridade de nenhum deles se sentir inferiorizado e/ou rebaixado.

Encerro este trabalho com a certeza de que quando queremos trabalhar com seres humanos, precisamos estar preparados para este grande desafio. O homem está em constante movimento e transformação, exigindo de nós, psicoterapeutas, aprimoramento constante do conhecimento, profundas reflexões e atualizações a respeito da compreensão humana. Entendo que, para quem queira trabalhar com

“gente”, se faz necessário entender e compreender as diferentes e constantes transformações que acontecem durante toda a vida.

Despeço-me deste trabalho com a certeza de que ele foi, sem sombra de dúvida, um marco na minha vida, de que pude dar o meu melhor e a clareza do quanto ele ajudou aquelas pessoas a viverem melhor. Estou aqui escrevendo estas últimas palavras com um profundo sentimento de alegria e satisfação, pois ter elaborado esta monografia foi, o tempo inteiro, um prazer que merece, talvez, uma outra pesquisa, onde eu possa narrar o imenso prazer de realizar uma obra que é oriunda de um trabalho prazeroso.

6. **BIBLIOGRAFIA**

AGUIAR, M. **O teatro terapêutico: escritos psicodramáticos**. Campinas: Papyrus, 1990.

ALMEIDA, W.C. **Psicoterapia Breve. O método do Psicodrama**. São Paulo, Ágora, 1982

AMENO, A. **A função social dos amantes na preservação do casamento monogâmico**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BECKER, H.S. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

BUSTOS, D.M.P. **Amor à vista! Drama e Psicodrama de casais**. São Paulo: Aleph, 1990.

CAROTENUTO, A. **Amar trair: uma apologia à traição**. São Paulo: Paulus, 1997.

CIAMPA, A da C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

CLAUDE, C. **A cavalaria - mitos e lendas**. São Paulo: Ática, 1993. Disponível em: http://www.edukbr.com.br/estudioweb/ativ_antigas/mitologia/1.htm.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DIAS, V. R.C.S. **Psicodrama: Teoria e Prática**. São Paulo: 1987.

_____. **Vínculo conjugal na análise psicodramática: diagnóstico estrutural dos casamentos**. São Paulo: Ágora, 2000.

FOX, J. **O essencial de Moreno**. São Paulo, Ágora, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FREIRE, C. A. **O corpo reflete o seu drama: somatodrama como abordagem psicossomática**. São Paulo: Ágora, 2000.

GAGNEBIN, J. M. **Pesquisa empírica da subjetividade e subjetividade da pesquisa empírica**. Revista Psicologia e Sociedade. Vol. 13, nº 02, Julho/Dezembro, 2001.

GARRIDO MARTÍN, E. **Psicologia do encontro: J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1996.

GONÇALVES, Camila Salles. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno.** São Paulo: Ágora, 1988.

GREENE, L. **Uma viagem através dos mitos: o significado dos mitos como um guia para a vida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

IMBER-BLACK, Evan. **Os segredos na família e na terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MENEGAZO, C. M. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama.** São Paulo: Ágora, 1995.

MEZHER, A. **Um questionamento acerca da validade do conceito de papel psicossomático.** Revista da Febrap, v. 1, 1980, p. 221-3.

MORENO, J. L. **Fundamentos do Psicodrama.** São Paulo: Summus Editorial, 1983.

_____. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. **Quem Sobreviverá? Fundamentos da sociometria da psicoterapia de grupo e sociodrama.** Goiânia: Dimensão, v.1, 1992.

PERAZZO, S. **Psicodrama: o forro e o avesso.** São Paulo: Ágora, 2010.

ROJAS-BERMÚDEZ, J. **Teoria e técnica psicodramáticas.** Barcelona: Editorial Paidós, 1997.

_____. **Que es el sicodrama?** Buenos Aires: Editorial Celsius, 1984.

VITALE, Maria Amalia Faller. **Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama.** São Paulo. Agora, 2004

ZAMPIERI, A.M.F. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS.** São Paulo: Agora, 2004.